

Cobertura 3

Os sentimentos de Jesus

**Cristo encarnado
e humilhado na morte mais infame, a da crucifixão,
é proposto como um modelo de vida
para o cristão.**

**De fato, este deve ter
"os mesmos sentimentos de Cristo Jesus",
sentimentos de humildade
e de doação, de desapego e de generosidade.**

Bento XVI, 1º de junho de 2005

SUMÁRIO – ECOS **SETEMBRO - OUTUBRO 2013**

Vida espiritual

- 298 Carta de 22 de agosto de 2013
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 301 “Um coração indiviso”
A Regra: a Porta estreita
Padre Patrick Griffin, Diretor geral

Desafio Atual

- 312 Casa-Mãe
Formação para os membros da equipe da Capela da Medalha Milagrosa
A Igreja diante das atuais ameaças às famílias
Padre Gildas Kerhuel
Secretário-geral Adjunto da Conferência dos Bispos da França
- 324 Casa-Mãe
Formação para os membros da equipe da Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa
O Sacramento do Matrimônio
Casal Mordefroid

Atualidade das Províncias

- Testemunho das Irmãs
- 336 Província Nuestra Señora de la Misión América-Sur
Nosso serviço junto aos migrantes do Chile
Irmã Maria Isabel Ruiz, Filha da Caridade
- 341 Províncias de Chelmno, Cracóvia e Eslováquia
Encontro das Filhas da Caridade em missão na Rússia e
no Cazaquistão

Irmã Marta Baliakova, Filha da Caridade

345 Casa-Mãe
Sessão de Formação Vicentina das Filhas da Caridade
Irmã Jacqueline, Filha da Caridade

348 Província da Eslováquia
História de uma vida!
Irmã Prudência, Filha da Caridade

História da Companhia

Fontes e atualidades

352 A experiência espiritual de São Vicente (continuação)
Padre Jean Morin, cm

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 22 de agosto de 2013

Minhas queridas Irmãs,

Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Antes de partir amanhã para o Vietnã na companhia de Irmã Madeline Hara, envio-lhes algumas rápidas linhas para compartilhar as últimas notícias recebidas do Egito e da Síria. Certamente, as informações provenientes destes dois países afetados pela violência entristecem profundamente vocês e estou certa de que se perguntam: “*E nossas Irmãs, como elas estão, elas estão em segurança, elas podem continuar os seus serviços*”?

A Visitadora da Província do Próximo Oriente, Irmã Marie-Madeleine Boustany que vive em Beirute, no Líbano, está frequentemente em contato com as Irmãs da Síria e do Egito, ela viajou para estes dois países há algumas semanas, a fim de escutar, acompanhar e apoiar as Irmãs e nos mantém regularmente informadas sobre a evolução da situação e pede as orações da Companhia.

Pequenas informações:

No **Egito**, onde a Companhia está presente desde 1805, há 38 Irmãs divididas em nove Comunidades locais, três no norte de **Alexandria**, uma em **Port-Said**, ao longo do Canal de Suez, duas no **Cairo** e três no sul de **Sedfa**, **Koussieh** e **Manchieh** (Alto Egito).

Suas atividades são múltiplas... educação infantil até o término do ensino médio, saúde, obras sociais, movimentos de jovens, serviços às pessoas portadoras de deficiência, acolhida de refugiados, visitas a domicílio, catequese...

As Irmãs do norte (Alexandria, Cairo e Port-Said) como as do Alto Egito estão sendo afetadas pelas recentes turbulências políticas. Elas evitam sair de suas casas e organizam aí mesmo os encontros de jovens. Não sabem se o ano letivo poderá começar no dia 21 de setembro como planejado e tiveram que cancelar algumas atividades de verão com as crianças e adultos para não colocá-

los em perigo. As Irmãs me escreveram que muitos de seus vizinhos muçulmanos velam por elas, mas que os cristãos em geral são afetados pela violência e que numerosas igrejas foram queimadas.

Na **Síria**, as Irmãs chegaram em 1854. São atualmente 12 e servem nas duas Comunidades de **Damasco**. Há um ano precisaram deixar a Comunidade de **Tall Arbouche** situada em uma região muito exposta à violência e de onde os cristãos tiveram que sair.

Os feridos de todos os lados chegam ao **Hospital ‘Saint Louis’**, onde a presença das Irmãs tranquiliza os funcionários e garante a neutralidade do estabelecimento. No entanto, a situação continua muito delicada, empregados foram removidos, ameaças foram feitas, mas as Irmãs enfrentam a situação e estão felizes em continuar o atendimento aos doentes e feridos, a visita às famílias e o acolhimento dos refugiados. Todas as manhãs, os funcionários e as Irmãs se reúnem para rezar e confiar o seu dia a Deus.

Na **Casa ‘Saint Joseph’**, os resultados das últimas avaliações escolares foram excelentes, os pais continuam a enviar os seus filhos para a escola das Irmãs apesar da insegurança dos transportes. Os estudantes enchem o Lar e os movimentos vicentinos estão ainda mais ativos, pois as pessoas a socorrer são numerosas (incluindo refugiados iraquianos) e diante do perigo a oração em comum brota espontaneamente.

Perdoem-me essa visão muito simplificada do que vivem as nossas Irmãs. Elas são corajosas e efetivamente as “filhas fortes” que queria Santa Luísa. Apesar da instabilidade em torno delas, elas continuam a servir e suas Comunidades internacionais são pontos de apoio, fontes de luz e de esperança para aqueles que as veem viver ou se beneficiam de seus serviços.

Que Maria, Rainha, que hoje celebramos, as proteja! Que Jesus, Príncipe da Paz, as ajude a discernir no cotidiano a vontade de Deus!

Estamos unidas a elas pelo coração e pela oração.

Com minha dedicada afeição,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

PADRE P. GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Encontro Internacional das Visitadoras de 2012

Um coração indiviso “A Regra - a porta estreita”

Entre os temas tratados por Santa Luísa em seus escritos, o assunto sobre as “Regras” aparece com frequência. Luísa de Marillac considerava este assunto muito importante para o crescimento da Companhia das Filhas da Caridade:

“Se tendes algum tempo para observai as Regras, às quais fostes tão fiéis na Casa (Mãe), pela misericórdia de Deus. Suponho lembrardes da promessa que nos fez, a esse respeito, nosso honoratíssimo Pai, numa Conferência, quando disse: “se guardarmos nossas regras, elas nos guardarão”. Isso é importante, pois temos necessidade de sermos preservadas em várias coisas.

Vede assim o poder que temos em nossas mãos. Peço a Nosso Senhor que nos conceda a graça de saber aproveitá-lo bem” (LM, Correspondência e Escritos, C.649 (L.592), pág. 690).

Santa Luísa aconselha muitas vezes às Irmãs ler as Regras, refletir sobre elas e, sobretudo vivê-las o mais concretamente possível. Nós também devemos estar atentos aos apelos das *Constituições e Estatutos* que atualizam estas *Regras* para nós, hoje.

Em suas conferências São Vicente destacava o conteúdo sobre as Regras:

“Antes da leitura das Regras, direi alguma coisa quanto à obrigação de nos entregarmos a Deus a fim de bem as observarmos. (...) Além disso, cada um é obrigado a guardar as regras do estado de vida que escolheu, para assegurar a sua salvação. Ora, é certo que as regras da pequena Companhia tendem a aperfeiçoar-vos e a ajudar-vos a cumprir os mandamentos de Deus. Assim são de Deus, visto provir d’Ele tudo que tende ao bem. Segundo esta máxima, quando guardais as regras, fazeis sempre a vontade de Deus. Sim, minhas Irmãs, enquanto as guardais, ficai certas de cumprir a vontade de Deus.” (SVP, Conferência “Explicação das Regras”, 29 de setembro de 1655, pág. 532-533).

Para São Vicente e Santa Luísa é importante observar as Regras, pois elas são para nós a vontade de Deus. No final das nossas *Constituições* atuais, lemos:

“Estas Constituições e os Estatutos que as seguem, constituem o direito próprio da Companhia das Filhas da Caridade. Devem ser observadas fielmente por todas as Irmãs, como sendo para elas, expressão da vontade de Deus.” (C. 96a)

As *Constituições* não respondem a todas as questões, mas contêm uma instrução e a orientação para viver fielmente nossa vocação.

Primeiramente, iremos examinar o valor das Regras como “caminho estreito” (Mt, 714), depois o louvor feito às “Regras” nos Salmos; em seguida Vicente e Luísa e a importância das Regras e finalmente os três artigos de nossas *Constituições* que destacam nosso coração indiviso.

I - A IMPORTÂNCIA DAS REGRAS COMO “CAMINHO ESTREITO”

Há todo um vocabulário para caracterizar pessoas que vivem de acordo com princípios e crenças estabelecidas.. Algumas termos deste vocabulário são negativos e outras positivos.

De acordo com as pessoas e seus pontos de vista, uma mesma realidade pode ser descrita de maneiras diferentes. Por exemplo, pessoas que consagram suas vidas a um objetivo particular e que se ajustam a um estilo de vida específico, podem ser descritas como dotadas de um espírito tacaño, até mesmo atrasado, ao menos, limitado em suas experiências, preconceituosas, ou podem ser descritas como pessoas lúcidas, diretas, determinadas, coerentes e comprometidas.

Estas são duas perspectivas diferentes da mesma realidade. Nas Escrituras, Jesus fala sobre a porta estreita e o caminho apertado que são escolhidos por aqueles que o seguem.

[Jesus disse:] “Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E poucos são os que o encontram” (Mt 7, 13-14).

Ao seguir Jesus, eliminamos alguns critérios de valor e outros nos são abertos. É o que nos propõem as nossas *Regras Comuns e Constituições*.

Nós nos impomos limites para viver diferentes valores:

A atenção exige uma redução do leque de possibilidades: somos chamados a concentrar nossa atenção em vista do objetivo.

A determinação é um caminho estreito. As decisões são únicas e específicas, são questões de escolha e de resolução para viver com autenticidade.

Jesus compreendia o sentido da liberdade: ele se recusou ficar preso a certas tradições e regras. No entanto, ele também sustentou o profundo significado de valores dignos de serem vividos.

No Antigo Testamento, vemos que o povo judeu não considerou como um fardo, as orientações da Lei. Pelo contrário, eles a consideraram como um presente dado por Deus que lhes indicava a maneira como deveriam viver. Eles escreveram: *“Qual a grande nação cujos deuses lhe estejam tão próximos como o Senhor nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E qual a grande nação que tenha estatutos e normas tão justas como toda esta Lei que eu vos proponho hoje”* (Dt 4,7). Eles viam a lei como um dom de Deus. Foi a maneira como Deus os orientou para segui-lo e tornar-se a melhor das nações. Foi sua parte na Aliança: *“Eu serei o seu Deus; e vocês serão o meu povo”*. O Senhor lhes mostrou como deveriam viver para se tornarem o seu povo. E eles obedeceram, e ainda obedecem, seguindo esta Lei, a Torá.

As *Regras (Constituições)* nos orientam para como e para o que o Senhor nos chama e como devemos responder-lhe durante toda a nossa vida. Não se trata de renunciar à nossa inteligência e à nossa vontade, mas de aceitar entrar em um caminho de fidelidade no seguimento de Cristo, a exemplo dos Fundadores. O importante, no entanto, é que as *Regras* não se tornem um fim em si mesmo, o importante é segui-las pela obediência e deixar impregnar-se de seu espírito.

Jesus encontrou certa dificuldade com alguns líderes religiosos de sua época. Eles davam uma grande importância à Lei (a regra), mas não captavam seu espírito. Muitas vezes, Jesus os convidou a buscarem o princípio por trás da regra e fez isso, especialmente, no Sermão da Montanha no capítulo V, do Evangelho de Mateus. Jesus não veio para abolir a lei ou parte dela, mas para dar-lhe pleno cumprimento. Refletindo sobre alguns Mandamentos, Jesus destaca o sentido brota de cada um deles.

O povo do Antigo Testamento acreditava no Deus Criador, de tudo o que há no céu e sobre a terra; um Deus atento às necessidades dos homens, que os ama, que não os julga, nem conta suas vitórias ou fracassos.

Nossas *Regras, Constituições e Estatutos* são orientações para a nossa vida; ajudam-nos a entrar pela porta estreita, a manter a nossa mente e os nossos corações centrados no Senhor, para podermos progredir juntos na santidade pessoal e no serviço aos irmãos.

A analogia da estrada para descrever as Regras é muito boa, pois uma estrada descreve um caminho para percorrer. Assim, escutemos o que dizia Jesus:

“Quando eu me for e vos tiver preparado um lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também. E para onde vou, conheceis o caminho”. Tomé lhe

diz: "Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?" Diz-lhe Jesus: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim" (Jo 14, 3-6).

Caminhando com Jesus, a estrada percorrida determina o destino ao qual chegaremos. Nosso objetivo é estabelecer o Reino de Deus na terra.

Ao percorrer esta estrada podemos ser tentados a pegar atalhos, para atingir o objetivo arriscando comprometer nosso estilo de vida. Podemos olhar o exemplo de Jesus em suas tentações no deserto (Lc 4, 1-13). O demônio diz a Jesus que lhe daria todos os reinos da terra se Ele apenas o adorasse. Jesus realmente queria todos os reinos da terra para o Pai; foi para isso que Ele veio habitar entre nós. Mas, ele queria que as pessoas escolhessem segui-lo livremente, sem serem forçados. Sendo assim, Jesus não permitiu um atalho em sua vida para realizar seu objetivo.

É bom olharmos nossas *Regras* desta mesma maneira. Elas ajudam a manter nossos corações indivisos no caminho estreito que conduz ao Senhor.

II - O LOUVOR FEITO ÀS REGRAS NOS SALMOS

O Povo de Israel tinha uma grande consideração pela Lei. Eles viam esta "regra" como um dom especial dado por Deus para ajudá-los a permanecerem fiéis. Os salmistas a celebram de uma maneira particular. Deus abençoa seu povo Israel pelo dom da Lei que o alimenta e o conduz.

O Salmo 1 destaca primeiro a bênção dos fiéis:

*"Feliz aquele que se compraz no serviço do Senhor
e medita sua lei dia e noite.
Ele é como a árvore plantada na margem das águas correntes:
dá fruto na época própria,
sua folhagem não murchará jamais.
Tudo o que empreende, prospera"* (Sl 1, 2-3).

O Salmo 18 (19) louva o valor e o poder da Lei:

*"A lei do Senhor é perfeita, reconforta a alma;
a ordem do Senhor é segura, instrui o simples.
Os preceitos do Senhor são retos, deleitam o coração;
o mandamento do Senhor é luminoso, esclarece os olhos.
O temor do Senhor é puro, subsiste eternamente;
os juízos do Senhor são verdadeiros, todos igualmente justos.
Mais desejáveis que o ouro, que uma barra de ouro fino;
mais doce que o mel, que o puro mel dos favos.
Ainda que vosso servo neles atente, guardando-os com todo o cuidado"* (Sl 18 (19), 8-12).

O Salmo 18 (19) com sua impressionante glorificação da Lei seria apenas uma breve introdução ao Salmo 119. Este Salmo contém 176 versículos, cada um utiliza uma palavra que significa "lei" e que celebra as maravilhas e a graça do dom que são os mandamentos que o Senhor deu ao povo de Israel. O povo judeu expressa, claramente, nos Salmos, o valor e o dom da Lei.

No Novo Testamento encontramos afirmações sobre a Lei, por exemplo, no Sermão da Montanha, Jesus diz:

“*Não penseis que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim para revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento*” (Mt 5,17). Isto pode opor-se à afirmação de Paulo que diz “a lei mata enquanto o Espírito vivifica” (2 Co 3,6). Estas duas afirmações mostram a tensão entre regras e vida.

A afirmação de Isaías: “*quebrarão as suas espadas, transformando-as em relhas, e as suas lanças, em foices*” (Is 2,4) não é o lembrete de que nossas Regras podem ser “um metal afiado, capaz de ferir as pessoas ou de cavar a terra para as sementes e o seu crescimento? Algumas pessoas podem usar as regras para desistir de sua liberdade de tomar decisões e isso não é saudável; outras, podem ignorá-las regras e traçar seu próprio caminho o que não é melhor. Nossas Regras devem ser usadas de acordo com o propósito para o qual foram criadas: orientar para uma vida em conformidade com os valores evangélicos, para crescer em santidade.

III - VICENTE E LUÍSA E A IMPORTÂNCIA DA REGRA

Nossos fundadores deram um grande valor às Regras. Luísa com frequência encorajava as Irmãs a serem fiéis às suas Regras:

“*Farei o possível para remeter-vos as Regras quando vossa Irmã seguir, a fim de ajudar-vos a adquirir a perfeição que desejais e pela qual, há tanto tempo, lutais. Suplico a Nosso Senhor conduzir-vos até ela por seu Espírito*” (LM, Correspondência e Escritos, C.647 (L.590), pág. 688).

“*Não pensemos senão em agradar a Deus pela prática exata de seus santos mandamentos e conselhos evangélicos, pois a bondade de Deus dignou-se chamar-nos a eles; para tal deve servir-nos a exata observância de nossas Regras, porém, com alegria e diligência*” (LM, Correspondência e Escritos, C.73 (L.441), pág. 92).

Para Luísa, as Regras, tão cuidadosamente desenvolvidas a partir da prática para dar às Irmãs uma orientação, tornaram-se a expressão da vida de uma Filha da Caridade em Cristo. Vicente disse: “*A Regra das Filhas da Caridade é Cristo*” (C. 8a) e Luísa afirmava que “[Vicente] é uma Regra viva na casa pelo seu bom exemplo” (LM, Correspondência e Escritos, C. 432(L.365b), p. 476). A sabedoria de nossas Regras não está contida num livro que fica numa prateleira mas, na maneira de vivê-las. As Regras refletem a vida de Jesus, a vida nossos Fundadores e a vida de nossas Irmãs na fé.

IV - TRÊS DESTAQUES DAS CONSTITUIÇÕES QUE DESCREVEM NOSSO CORAÇÃO INDIVISO

Muitas vezes, vemos a Bíblia como uma biblioteca que contém muitos diferentes tipos de literatura e de ensinamentos. As *Constituições e Estatutos* possuem algumas destas características através dos diferentes capítulos, dentre os quais, alguns são muito específicos, tais como: a maneira de eleger o Superior geral, de pronunciar os votos ou ainda, alguns princípios gerais que estão mais detalhados em outros livros (Guias...) e alguns textos indicam o que é mais importante na vida e na identidade de uma Filha da Caridade. Aqui estão, entre outras, três pistas de reflexão;

A) A REGRA DAS FILHAS DA CARIDADE É CRISTO (C. 8a)

Esta talvez seja a mais simples e mais profunda afirmação das Constituições e o objetivo de todo o documento. Esta expressão chama a nossa atenção para a pessoa de Jesus. No Evangelho de João, Jesus disse:

“Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá” (Jo 11,25-26).

“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6).

“Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e aquele que crê em mim jamais terá sede” (Jo 6, 35).

Jesus é a Ressurreição e a Vida; o Caminho, a Verdade e a Vida; Ele é o pão da vida, etc. Para nós, Filhas da Caridade, podemos dizer que nossas *Regras - Constituições e Estatutos* - é o próprio Jesus. Este livro convida cada Filha da Caridade a assumir esta vida, a exemplo de Jesus. Estamos de acordo com o sentido do ensinamento de Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Não vivemos de acordo com princípios impessoais, mas de acordo com a vida e o espírito de Jesus cuja maneira de ser está, brevemente, compreendida no texto de nossas *Constituições*.

b) O “DOM TOTAL AO SENHOR DA COMPANHIA” C. 8c)

“Cada uma confirma pessoalmente seu dom total ao Senhor na Companhia, por votos anuais, definidos pelas Constituições” (C. 8c).

As *Constituições e Estatutos* definem o caráter do dom de uma Filha Caridade e cada Irmã deve abraçar esta entrega de si pessoal e inteiramente. A renovação do seu dom a Deus se faz na festa da Anunciação para associar-se ao Fiat da Virgem Maria. Fazendo-se o dom total de si mesma a Deus, Maria realiza sem reserva e sem exceção, a vontade de Deus ao longo de sua vida.

As *Constituições* afirmam de maneira sucinta, o que o Evangelho ensina profundamente, várias vezes, de maneira pitoresca. Quando assumimos livremente o compromisso de viver nossa vida de acordo com as *Regras*, somos atraídos para a mensagem e as orientações do Evangelho.

No Evangelho de Lucas, encontramos o maior mandamento “*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e todo o teu pensamento; e a teu próximo como a ti mesmo*” (Lc 10, 27). A Filha da Caridade deve lembrar-se de que tudo o que ela é, deve ser dado a Deus. No entanto, os evangelistas destacam a dificuldade de se doar inteiramente, por exemplo: o jovem rico que não conseguiu renunciar a tudo para seguir Jesus (Mt 19, 16-22) ou o exemplo de Nicodemos que vai ver Jesus de noite (Jo 3,2) porque ele tem medo de ser visto com ele durante o dia, ou ainda o diálogo de Jesus com aqueles que desejam segui-lo:

“Enquanto caminhavam, um homem lhe disse: Senhor, seguir-te-ei para onde quer que vás. Jesus replicou-lhe: As raposas têm covas e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. A outro disse: ‘Segue-me’. Mas ele pediu: ‘Senhor, permite-me ir primeiro enterrar meu pai’. Mas Jesus disse-lhe: ‘Deixa que os mortos enterrem seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o Reino de Deus’. Um outro ainda lhe falou: ‘Senhor, seguir-te-ei, mas permite primeiro que me despeça dos que estão em casa’. Mas Jesus disse-lhe: ‘Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus’” (Lc 9, 57-62).

As Filhas da Caridade doam-se “inteiramente” e “em comunidade”. Esta frase das *Constituições* menciona que o seguimento radical de Jesus acontece na Companhia. A promessa não é para seguir o Senhor de maneira independente, mas fazê-lo como membro de uma Comunidade consagrada. Juntos, vivemos nosso compromisso com o Senhor.

Podemos destacar as narrativas do Evangelho do envio dos discípulos dois a dois (Mc 6,7) e o fato de Jesus prometer estar presente: “*pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles*” (Mt 18, 20).

C) ENCONTRAR “O CRISTO NO CORAÇÃO E NA VIDA DOS POBRES” (C. 10a)

“As Irmãs contemplam e encontram Cristo no coração e na vida dos pobres nos quais a graça atua sempre para santificá-los e salvá-los” (C. 10a).

Não se pode falar sobre a identidade das Filhas da Caridade ou do seu carisma sem fazer uma referência ao serviço dos pobres e vulneráveis. A presença do Cristo na pessoa dos pobres, daqueles que sofrem ou são perseguidos, nos é revelada no relato do Julgamento final, no Evangelho de Mateus (25, 31-46), ou na passagem da conversão de São Paulo (At 9, 1-19).

Maria Madalena encontra, n cemitério, Cristo personificado num jardineiro, os discípulos na estrada para Emaús o encontram num companheiro de viagem; perto do lago, os apóstolos que tinham partido para pescar o encontram num estranho . Em todas essas pessoas inesperadas, os membros da Igreja Primitiva encontraram Cristo e receberam orientações. Nossas *Constituições* nos convidam a encontrá-Lo e contemplá-Lo no “coração e na vida dos pobres”. O convite para abrir os olhos, os ouvidos e o coração está subentendido. As lições que devemos aprender nem sempre são evidentes, mas emergem da contemplação e da reflexão.

Embora não sendo fã de TV, tive minha atenção atraída para um programa nos EUA chamado: “Joana da Arcádia”. Arcádia é uma região da cidade de Nova Iorque, mas o título o associa à jovem santa francesa Joana d’Arc que foi guiada por Deus. Neste programa de caráter dramático, Joana encontra Deus várias vezes durante o dia. Ele sempre aparece diferente: às vezes como uma menina ou como um idoso; às vezes como um comerciante e ou um mendigo; ele pode ser africano, latino ou anglo-saxônico. O encontro era sempre tratado seriamente e Deus convida sempre Joana a se interrogar ou a aprender uma lição . Eu achei isso bem interessante porque sugeria que podemos encontrar a Deus durante o dia de maneiras diferentes e que ele nos ensina coisas diferentes nestes encontros.

Isto acontece conosco todos os dias e, especialmente, com os pobres. As *Constituições* expressam vossa identidade de Filha da Caridade, tornando assim o Evangelho concreto para a atualidade e orientando a maneira de viver os votos. Elas exigem uma permanente releitura e reflexão. São Vicente e Santa Luísa encorajavam constantemente as Irmãs a fazerem atenção às Regras.

CONCLUSÃO:

As inúmeras citações da Bíblia, dos escritos dos Fundadores, dos documentos da Igreja oferecem uma sólida fundamentação ao texto das *Constituições* das Filhas da Caridade. Quando a Filha da Caridade tem em suas mãos as *Constituições* tem nas mãos “o coração e a mente dos Fundadores” que as encorajam a um exame de consciência e a um reengajamento de vida.

Colocando à parte as passagens jurídicas, tudo o que expressa a vocação da Filha da Caridade pode encantar a sua alma e enchê-la de paixão. Como Irmã Evelyne e Padre Maloney escreveram

na carta de introdução para a edição de 2004, o objetivo das *Constituições* é libertar-nos, elas são como asas que nos permitem voar para Deus, para os pobres e voar juntas (pág.10).

A clareza e a força da unidade das Constituições são um tesouro para os corações indivisos que buscam dar-se ao Senhor para o serviço dos pobres. A oportunidade de percorrer o caminho estreito que conduz ao Senhor através do amor, do serviço e da santidade nos é oferecida. Convidamos a pegarem as Constituições como sua companheira de estrada. Pensem sobre o dom que elas representam cada Filha da Caridade e para a Companhia. Deixem o Espírito guiá-las para enxergar como este texto pode aumentar seu apreço pelo seu chamado e pelo nosso carisma.

Falando sobre as Regras, Santa Luísa disse às Irmãs: “*Vede assim o poder que temos em nossas mãos. Peço a Nosso Senhor que nos conceda a graça de saber aproveitá-lo bem*” (LM, Correspondência e Escritos, C.649 (L.592), pág. 690).

Padre Patrick GRIFFIN, cm
Diretor geral

DESAFIOS ATUAIS

Casa-Mãe
Formação para os membros da equipe
da Capela da Medalha Milagrosa

A Igreja diante das atuais ameaças às famílias

Notas tomadas durante a conferência. O estilo oral foi conservado voluntariamente

Sou padre há quase trinta anos e quando eu era pároco, fui responsável pelos movimentos de leigos. Compartilharei minha experiência no acompanhamento às famílias e no acompanhamento ao Secretariado Geral da Conferência dos Bispos de França. Somos todos chamados a acompanhar pessoas com problemas familiares e estamos sempre em busca de alguns pontos de referência para saber como acompanhá-las pastoralmente.

I - AS CAUSAS QUE PROVOCAM A FRAGMENTAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Em primeiro lugar, devemos tentar compreender de onde vêm as ameaças que as famílias sofrem hoje, e a situação em que nos encontramos. Vejamos o que acontece em nosso mundo e a maneira como a Graça do Senhor está agindo em todas as situações.

Podemos dizer que, no contexto moderno, o matrimônio está fragilizado. A fragilidade do casamento procede de uma evolução que está enraizada no que chamamos de Modernidade, que começou pouco a pouco na época do Renascimento. Foi o momento em que os homens repeliram o pensamento do Evangelho para voltar ao culto do corpo como se fazia nos tempos antigos: esculturas de mulheres sensuais e homens musculosos.

1ª CAUSA: O INDIVIDUALISMO PROVENIENTE DA MODERNIDADE INVENTA O MATRIMÔNIO POR AMOR EM DETRIMENTO A OUTROS MODELOS DE CASAMENTO

No âmbito familiar, vimos crescer progressivamente uma mentalidade individualista. O homem é aquele que deve aproveitar a vida ao máximo. Outrora, na época da cristandade, dar a vida,

não era um problema; diante da morte, não havia preocupações, pois, pensava-se ir diretamente para o céu, porém, hoje, deseja-se primeiro ter sucesso na vida.

Antigamente, casava-se para ter filhos, para se transmitir uma herança ou eventualmente, se ocorria um casamento sem o consentimento de um dos cônjuges, isto não era um problema. Agora, as pessoas se casam porque se amam. O casamento por amor é algo muito recente.

Um pequeno livro, recente, intitulado: “Qual é o futuro para o Cristianismo”, relata uma conversa entre o Cardeal Barbarin e Luc Ferry. A tese de Luc Ferry expressa que “a fragilidade do matrimônio é consequência do casamento por amor”; quando as pessoas se casavam para obter herança ou para fundar uma família, elas permaneciam casadas. O fato de casar-se porque se ama, faz com que, se um dia, o casal deixa de se amar, ele se separa. Logo, a instituição do casamento que foi estável durante séculos, tornou-se algo frágil.

Sáímos do culto da verdade para entrar no culto da sinceridade, e isto não é a mesma coisa. Falamos algumas vezes de sinceridades sucessivas e, em última instância, se o casal não mais se ama, não pode mais permanecer junto, porque isto seria uma mentira, portanto, deve divorciar-se.

A questão complica-se ainda mais devido a um segundo fator.

2ª CAUSA: O RELATIVO CONTROLE DA SEXUALIDADE

A segunda causa que acelerou o fenômeno é o relativo controle da sexualidade. Houve um tempo em que não se sabia muito bem como ela funcionava, mas era exercida. Ao longo de cinquenta anos aproximadamente com o progresso da ciência, o conhecimento sobre o funcionamento da sexualidade aumentou bastante.

Há trinta anos, casamentos eram celebrados todos os sábados, agora estas celebrações acontecem entre 15 de junho a 15 de setembro. Por que a estação dos casamentos encolheu tanto? Em razão dos novos meios anticoncepcionais, o fenômeno de “viver juntos” precedeu ao matrimônio. Antes, casava-se para formar um casal e fundar uma família; atualmente, pode-se viver juntos sem se casar.

Se o matrimônio não é mais necessário para formar um casal, então, para que serve casar-se? Seria ainda necessário o matrimônio? Não sabemos mais se se deve casar ou não. Parece-me que 95% das mulheres utilizam meios contraceptivos que não estão coerentes com a doutrina da Igreja. O que isto provoca na cabeça das pessoas, em sua vida de fé, etc.?

3ª CAUSA: OS ESTUDOS

Os estudos trazem consigo uma elevação do nível cultural da sociedade pós-moderna. Em 1954, o governo francês, promulgou uma lei que obrigava todas as “prefeituras” a criarem colégios de ensino geral (CEG), que se tornaram, atualmente, colégios de ensino secundário (CES). Esta lei permitiu acelerar a instrução de todos, o que foi algo muito bom.

Qual foi a primeira consequência para a Igreja? A primeira consequência foi que todos os Seminários menores ficaram vazios. Em uma família com 5 ou 6 filhos, não era mais necessário enviar o terceiro para estudar no Seminário menor, que ficava a 50 quilômetros, pois, agora eles tinham um colégio bem próximo da residência. Isto acelerou os problemas de vocação.

Os benefícios disto são os avanços na sociedade civil, o que permitiu que as mulheres ficassem mais instruídas e entrassem no mundo do trabalho. As mulheres se tornaram até mesmo motoristas de caminhões ou de tanques do exército. Quase todas as profissões foram abertas às mulheres, o que significa para elas um avanço considerável da sociedade. Em todas as áreas, não existe nenhuma razão para que as mulheres não estejam em âmbito de igualdade com os homens. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, a divisão tradicional dos papéis na família foi rompida.

Antigamente, o homem ganhava o dinheiro e a mulher cuidava da casa. Algumas mulheres eram verdadeiras chefes de empresas na maneira de educar seus filhos e organizar a vida da casa. O trabalho das mulheres inverteu os papéis e provocou tensões no casamento.

O relativo controle da sexualidade adia o compromisso com o casamento, desvincula a situação matrimonial da celebração sacramental, obriga o casal a decidir-se sobre o valor tanto de um quanto do outro, mas, esta decisão, que no início pode parecer óbvia, alguns anos mais tarde não é mais conveniente. Resumindo: uma sociedade, moderna, individualista, com a sexualidade relativamente controlada é um constante obstáculo à instituição do casamento.

4ª CAUSA: O MATERIALISMO

Acrescentemos a isto o materialismo que aumentou o desejo de posse dos bens: celulares, computadores, etc. Em relação ao que existia há sessenta anos, existem muitas coisas que nos ajudam e que normalmente deveriam libertar-nos, porém, paradoxalmente, quanto mais temos, mais nos tornamos prisioneiros. Por quê? Porque sempre podemos fazer mais. Em outras palavras, se o problema não está na sociedade que nos rodeia, ele está no que temos em nosso coração. Existem pessoas que têm um estilo de vida tranquilo, saudável e outros que de tanto desejar fazer algo mais, poderão fazer e obter mais.

II - DIFERENTES MODELOS DE FAMÍLIA

Diante destes acontecimentos, em que se transformou a família? Como muitos outros assuntos da sociedade, a família se fragmentou em modelos diferentes:

1 - Famílias “clássicas”: (aquelas da época do neojansenismo dos nossos pais) são as famílias ditas “nucleares”, isto é um homem e uma mulher, com dois ou até seis filhos. Atualmente, este tipo de modelo de família é chamado de “*Família primo-conjugal*”, trata-se de um primeiro casamento.

Quando olhamos as estatísticas e comparamos os casamentos civis com os casamentos religiosos, não se deve contar o segundo matrimônio civil, porque não se pode casar duas vezes na Igreja. Compara-se apenas aquilo que é comparável.

2 - Famílias “reconstituídas”, isto é, um homem e uma mulher, entre os quais um é divorciado e “se casa” uma segunda vez. Cada criança, de lares diferentes, têm três avós e três avôs e não mais dois como nas famílias clássicas.

3 - Famílias “monoparentais”: um dos cônjuges deixou o lar. Na França, 25% das famílias são famílias monoparentais e não mais que 50% de famílias primo-conjugais.

Independentemente do problema da falta de um modelo maternal ou paternal e de um equilíbrio na educação dos filhos, um dos grandes inconvenientes das famílias monoparentais é a existência de um grande impacto no nível de vida familiar.

Nos estudos realizados sobre as novas pobreza, a família monoparental é, atualmente, um caso clássico de “queda na grande pobreza”. A família dispõe apenas de um salário e isto para algumas provoca uma série de dificuldades cada vez mais complexas: impossibilidade de pagar as contas da casa, e portanto é preciso vendê-la e mudar-se para um apartamento menor, com meios de sobrevivência insuficientes. O cansaço se instala e com ele o perigo de perder o emprego; logo se chega aos escombros do coração e até mesmo a se tornar uma família sem-abrigo.

4 - Famílias “ampliadas”

As situações de crise nos fazem redescobrir o modelo esquecido da família ampliada. Por razões financeiras ou de alojamento, a família acolhe: o estudante cuja idade se estende entre 25-30 anos ou os pais idosos, porque a despesa em uma instituição de longa permanência para pessoas idosas é alta. Há alguns anos, por falta de emprego ou lugar para morar, os jovens casais com filhos voltam para a casa dos pais.

Além do mais, a pirâmide das idades está invertida: poucas crianças, muitos idosos. O que na Bíblia era considerado como o ápice da realização, conhecer até seus bisnetos, só era visto nas famílias que se alimentavam bem, para viver melhor (e eram poucas), ou então que tivessem sabido se proteger das provações da vida, logo deviam ter um certo poder, mas isto era muito raro.

III - A PASTORAL DA IGREJA

Atualmente, 50% dos nascimentos acontecem fora do casamento e 50% dos batismos são em famílias não casadas, o que exige uma reflexão: “Podemos preparar a celebração do batismo dos filhos com as pessoas casadas na Igreja, da mesma maneira com as daquelas que não o são? Isto exige ter uma pastoral especial para pessoas, cujo primeiro contato com a Igreja é através do batismo de seus filhos.

Isto é delicado, mas, pastoralmente, podemos vislumbrar duas referências. Conhecemos o que a doutrina da Igreja diz.

Vejamos as referências:

Jesus veio salvar todo mundo. Ele se relacionava com todos, inclusive jantava com os pecadores. Logo, nós também devemos acolher a todos. Esta é uma porta de entrada “aqui está o coração que tanto amou o mundo”; o lugar onde vocês estão, onde, a todo instante, acolhem o mundo para um carisma que, além dos séculos, não para de surpreender os franceses e outros.

A teologia da família evoluiu muito. Atualmente, dizemos que a família é uma pequena igreja, uma igreja doméstica, mas este é um tema recente. Antigamente, as pessoas diziam: casamo-nos porque todo mundo deve casar-se, porque está na lei de Deus. O homem deixará seu pai e sua mãe e se tornarão um. Casava-se porque estava escrito. No entanto, toda a teologia do Vaticano II, diz: no matrimônio existe uma unidade fundamental de vida, trata-se da ‘pequena igreja’ que é muito importante.

O falecido Padre Henri Caffarel, que fundou as Equipes de Nossa Senhora, foi um dos maiores pioneiros da teologia do matrimônio, que não é uma teologia do dever, mas do amor. O amor

entre o casal é a imagem do amor da Trindade. Eles se doam mutuamente e esta entrega gera o amor. Existe uma unidade fundamental. Por isso, uma família equilibrada é no centro do mundo o sinal da presença de Deus; a isto chamamos nos grupos teológicos “um sacramento”. O matrimônio é um sacramento. São Tomás diria que é um sinal eficaz da graça da salvação, ou seja, o sacramento torna o amor de Deus presente no cerne da realidade humana.

Entre os sete sacramentos existem alguns que marcam toda uma vida e, para significar o estado adulto na vida cristã, existem dois: o sacramento da Ordem e o sacramento do Matrimônio. Um está orientado para Deus, no sentido vertical e outro para a vida humana, no sentido horizontal, que vai gerar a família. Deve-se compreender bem que o matrimônio é um sacramento; a família é um sacramento. É uma percepção inteiramente nova para expressar que o sacramento do matrimônio é uma maneira de se construir e de viver no mundo a própria presença de Deus.

Primeiro ponto

O acolhimento global não é tão antigo, pois houve uma época em que se dizia: “fora pecador impuro”. Porém, simplesmente pensar em acolher a todos, algumas vezes, pode não ser a melhor maneira.

Segundo ponto

Para nós o matrimônio é um sacramento. Esta é a razão pela qual a Igreja deseja defender até a morte o sacramento do matrimônio, com uma disciplina que deve ser compreendida. Ela pode parecer difícil e algumas pessoas podem não compreendê-la. Somente poderemos ajudar a compreendê-la se, primeiro compreendermos porque a Igreja mantém com tanto vigor este sacramento do matrimônio, que é um modo da presença de Deus.

Terceiro ponto

Nos documentos da Igreja encontramos muitos textos sobre o matrimônio. O mais importante, próximo de nós, após o Concílio, é "*Familiaris Consortio*" de 1981; por exemplo o n° 71 deste documento, diz que: “...sobretudo, deve-se reconhecer o lugar especial que, neste campo, compete à missão dos cônjuges e das famílias cristãs, em virtude da graça recebida no sacramento. Tal missão deve ser posta a serviço da edificação da Igreja, da construção do Reino de Deus na história”.

A família é a base da sociedade, como a família é a base da Igreja.

Quando se acolhe todo mundo, quais são as referências utilizadas? A primeira é: “não julgueis”; acolher supõe não julgar.

Quando se acolhe pessoas como vocês o fazem, não existe problema, mas o problema acentua-se à medida que a situação vai complicando-se.

Quanto mais complicada ela é, mais difícil será compreendê-la. Sabemos que o sacramento corresponde a uma lógica da Igreja, que não é simples; que faz muitas exigências e que garante a sua credibilidade. Se a Igreja Católica, a exemplo da Ortodoxa, começasse a facilitar demais a segunda união, na opinião pública, isto acabaria com a indissolubilidade do casamento, e além disso, com casos individuais dolorosos.

A personalidade coletiva da Igreja como força evangelizadora do mundo contemporâneo nos obriga a viver na unidade e na verdade, não na minha pequena verdade, sincera e sugestiva, mas na

ordem das coisas. O objetivo é muito maior que nós e não é assim tão simples. Devemos compreender o porquê do como, da "Fé e da Razão", como teria dito João Paulo II. Deve-se sempre compreender em função dos argumentos. Jamais deveríamos dizer: "deve-se fazer desta maneira porque é assim que deve ser, ou porque Jesus o disse".

Num contexto secularizado, isto nunca ocorre, pois é contrário a todos os ensinamentos pontificais sobre a "Fé e a Razão", encíclica de João Paulo II. Seu sucessor Bento XVI disse: que o trabalho da razão tem o seu valor, porém ele pode e deve ser associado à vida de fé, mas, sobretudo, deve-se tentar compreender os outros.

Talvez, vocês tenham lido a mensagem do Bento XVI para a jornada mundial da paz, de 1º de janeiro e devem ter notado como ele fala sobre o desenvolvimento integral autêntico do homem, e não do desenvolvimento parcial; fala sobre o desenvolvimento integral autêntico que corresponde à autenticidade das coisas, à verdade das coisas, à profundidade das coisas do homem.

Quando conseguimos entrar na complexidade de um problema, quais são as referências que podemos ter para acompanhar alguém em uma situação distorcida, sabendo que até mesmo Jesus comia com pessoas "erradas".

É neste contexto da família, célula da sociedade, que se refere à lei natural.

Quarto ponto:

Estes são os quatro critérios exigidos para a validade do sacramento do matrimônio:

1º Critério:

Durante a preparação para o matrimônio, o sacerdote pede às pessoas para que assinem o que chamamos de um projeto de casamento ou uma declaração de intenções. Nele coloca-se o que se deseja. Agora, pede-se às pessoas que escrevam o seu projeto de casal, mas este projeto deve estar em conformidade com a concepção cristã do matrimônio; se não for assim, não é possível celebrar o matrimônio. Em modelos pré-fabricados que antigamente eram dados como exemplos, a primeira fórmula era para aqueles muito religiosos, a segunda fórmula para os que tinham fé, e a terceira fórmula para aqueles que acreditavam só um pouco; estes três pontos estavam no texto em negrito, como lembrete para evitar um possível esquecimento.

Estes três critérios são bons para compreender situações deste tipo, qualquer que seja a forma como se apresenta.

Um matrimônio só é válido se acontece na liberdade. Alguém que se sinta obrigado, que se encontra numa situação difícil, não deve casar-se.

Podemos ajudar as pessoas. Se as pessoas nos procuram é porque esperam algo de nós. O problema não é dizer-lhes se podemos colocá-las na caixa nº A ou nº B. O que elas querem, é sentir a grandeza do coração de Deus, avançar em seu próprio caminho. Não é perda de tempo ajudá-las a refletir sobre a liberdade que elas têm, a situação em que se encontram e ajudá-las a crescer em vista de uma liberdade maior.

2º critério:

Qual é a exigência para que um matrimônio seja válido? É a indissolubilidade.

Por quê? Porque o matrimônio é a imagem de um Deus perfeito, todo-poderoso, um Deus que ama sem limites, logo a entrega deve ser feita sem limites. Portanto, se alguém tem uma limitação na entrega que faz ao seu cônjuge, ainda que eles se amem muito, avaliamos que esta entrega não pode ser sacramentada, pois ele não pode representar a totalidade de Deus. Em minha vida de sacerdote, jamais encontrei alguém que tenha dito: “eu me casei por cinco anos”. No entanto, já ouvimos as pessoas dizerem: “viemos casar-nos na Igreja, pois, aqui é incondicional. De modo que no amor intuitivo de dois jovens que se casam esta indissolubilidade está inscrita na natureza e na vivência que eles têm de seu amor, um pelo outro.

Tudo o que puder contribuir para a plenitude do amor em si, qualquer que seja a situação, é sempre algo positivo. Podemos sempre ajudar alguém a ver o que há de melhor na situação que está vivenciando, antes de retê-la nos impasses da situação, ainda que já esteja afundando. Se o aprisionarmos quando está afundando, vamos terminar afogando-o completamente, porém, o que queremos é salva-lo.

Tudo o que ajuda a aprofundar a dimensão da profundidade e da totalidade do amor é algo positivo. Liberdade, indissolubilidade e o terceiro ponto é a fecundidade.

Esta é a razão pela qual não se pode casar um homem impotente, homossexuais, etc. Pode existir um tipo de acordo, um tipo de casal, mas não pode haver um matrimônio, uma família, um testemunho de amor do Cristo, de Deus pela humanidade e do amor de Cristo por sua Igreja.

3º critério:

A fecundidade se desenvolve com os filhos e também nas obras, sejam elas sociais ou profissionais. Alguém que é casado, não se comporta da mesma maneira em sua vida profissional como alguém que é celibatário. Existem coisas que compreendemos porque queremos salvar o casamento e, se não compreendermos, o casamento não durará. Se muitos casais se separam, é porque falta profundidade e a fecundidade está prejudicada. O casal é o melhor remédio antimaterialista da sociedade contemporânea; Tony Annatrella afirma que o melhor psicanalista é o tempo do noivado, pois, fala-se durante horas, sem nada dizer e, pouco a pouco, se ajusta o caráter, o psiquismo, a personalidade e se aumenta as compatibilidades a partir de um sentimento de amor que já existia no início do relacionamento.

A fecundidade e o casamento são o grande antídoto do materialismo. Uma sociedade monossexualizada deriva automaticamente para um regime totalitarista. Em qualquer situação podemos observar que ela é a fecundidade das coisas, da vida, da união, etc.

Uma pessoa que se encontra numa situação difícil e que aprofunda estes grandes critérios, pode compreender que o cenário da situação em que se encontra, está em péssimo estado. Muitas pessoas possuem plantas verdes que crescem em maus terrenos. Quando alguém diz: “eu entendo muito bem que minha homossexualidade não corresponde a minha natureza, mas a minha cultura, o que devo fazer?”. Se lhe respondermos: “deve-se fazer isto”; tudo o que conseguiremos serão boas resoluções para um tempo de Quaresma ou fim de retiro.

No entanto, ajudando a avançar pouco a pouco, talvez, cada um encontre, com a graça de Deus, a força para avançar e evoluir gradualmente na situação.

4º critério:

A educação religiosa é a única coisa que a Igreja impõe, pois não é natural, mas cultural e eclesial. A Igreja pede às pessoas que se casam que se comprometam em educar seus filhos na fé, pois, subentende-se que após a transmissão da natureza, da fecundidade, venha a transmissão da cultura da mensagem de Cristo, o desenvolvimento integral autêntico, etc. Em todas estas situações, o que me permite dar um testemunho de fé profunda? Uma maturação da criação ou uma maturação do homem?

Padre Gildas Kerhuel
*Secretário-geral Adjunto
da Conferência dos Bispos de França*

DESAFIOS ATUAIS

Casa-Mãe
Formação aos membros da Equipe
da Capela Nossa Senhora da Medalha Milagrosa

O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

INTRODUÇÃO

Estando a serviço dos peregrinos e das pessoas que vêm rezar à Capela da rue du Bac, as Filhas da Caridade, os Padres Lazaristas e os voluntários leigos acolhem, a cada ano, milhares de famílias; regularmente se deparam com situações de dificuldades ou de desestruturas familiares, assim como um certo número de questões que as pessoas lhes fazem.

Notas tomadas durante a conferência. O estilo oral foi conservado voluntariamente

Minha esposa se chama Maria Paula e eu me chamo João Paulo, somos casados há quase trinta anos, temos cinco filhos e cinco netos do nosso filho mais velho, que tem 35 anos; uma filha casada e três rapazes que, por enquanto, ainda não descobriram sua vocação.

Há dez anos criamos uma associação especializada no setor associativo e trabalhamos com consultoria e formação nas empresas; trabalhamos muito para a Cáritas e para as associações familiares católicas; também para os solteiros que desejam casar-se animamos sessões de uma semana de conhecimento de si-mesmo.

Durante as nossas conferências nós nos revezamos quando abordamos os assuntos.

Maria Paula

Ao chegar à sala, lembrei-me de algo que vivi há um pouco mais de vinte anos, na Capela da Medalha Milagrosa. Trata-se de um período doloroso para nossa família, pois João Paulo, meu esposo, após uma experiência profissional agrícola no sul da França, teve que deixar rapidamente este setor de exploração agrícola, assim como a casa onde morávamos, no momento em que eu estava

para dar à luz ao nosso quarto filho. Para João Paulo, era um fracasso profissional, eram sonhos que não encontraram possibilidade de realizar-se. Ele tinha sonhado trabalhar em uma empresa de exploração agrícola, fomos atrás deste sonho e chegamos a Dordogne pouco tempo após eu ter dado à luz a nossa filha e ele viu-se obrigado a fazer a mudança sozinho. Embora muito cansado, imediatamente, ele começa a procurar um emprego e logo o encontra. Porém, ele entra rapidamente em uma depressão, chegando até mesmo a tentar o suicídio. Graças à Providência Divina, eu cheguei a tempo para impedi-lo de realizar sua ação até o fim. Vim a Paris para interná-lo no hospital e começar um tratamento para a cura da depressão.

Não sabendo para onde ir, fui à Capela da Medalha Milagrosa para depositar aos pés da Santíssima Virgem o problema de saúde do meu marido. Ao entrar na capela escuto uma voz: “um marido foi curado” e eu recebi esta palavra como a certeza de que meu marido seria curado. Quinze dias depois, o médico que o acompanhava me disse: “Senhora, estou realmente impressionado pela rapidez da recuperação da saúde do seu esposo e isto me intriga”. Então, respondi ao médico, que era cristão: “Estou convencida de que o Senhor está agindo e certa de que a Virgem Maria intercedeu por ele”. Eu quis partilhar isto, pois para mim, é uma maneira de dar graças pela delicadeza que Maria teve com nossa família e também por tudo o que vocês realizam aqui.

João Paulo

Nascemos entre os anos de 1949 e 1950, em 1968 tínhamos 18 anos e éramos estudantes. Nós nos conhecemos através do escotismo e depressa nos comprometemos em viver juntos, o que não foi fácil para mim, pois eu me sentia ainda muito jovem e não estava pronto para esta decisão, enquanto, para Maria Paula tudo estava claro. Aos 23 anos, decidimos viver juntos, sem nos casarmos, nem na Igreja, nem no cartório.

Somente com a chegada do nosso primeiro filho decidimos casar-nos no cartório. Nosso segundo filho nasceu, e nossa relação com a Igreja era bem esporádica, através de amigos. Eu ia ocasionalmente à missa, porque conhecia os padres e Maria Paula sentia-se cada vez mais distante. Temos características pessoais bem diferentes. Ela é de caráter primário e eu sou mais secundário. O caráter secundário ruma, têm ressentimentos mais longos, é mais rancoroso, mas também tem certa forma de fidelidade. O caráter primário é impulsivo e passa mais facilmente de uma ideia para outra.

Maria Paula tinha deixado de lado a questão da fé e isto não a incomodava, com exceção do fato de trabalhar num estabelecimento de Gerontopsiquiátria, como responsável de uma ala com 60 pessoas, onde a cada quinze dias ou todas as semanas, se confrontava com a morte de uma delas. Isto não era fácil.

Um dia, participei de uma sessão organizada pela Comunidade Emanuel na cidade Paray-le-Monial; gostei muito desta sessão que despertou em mim o desejo de me reconciliar com a oração. No ano seguinte, sugeri à Maria Paula para participar deste encontro dizendo-lhe que ela não teria que cozinhar e que as crianças estariam ocupadas durante o dia, com as atividades propostas pela organização do encontro.

Maria Paula

Aceitei o convite, pois naquela época, eu estava com muitas dúvidas diante das mortes que acompanhei e me questionava: “se o Senhor existe, apesar de tudo, eu tenho que tentar vê-lo e se ele existe que eu me conscientize disto”. Eu me lembrei das orações em família à noite, do engajamento dos meus pais no movimento da Ação Católica Operária, e da dedicação que eles tinham com os

pobres, em nome da fé. No entanto, eu tinha abandonado tudo isto, porém, ao mesmo tempo pensava: “eu recebi tanto, temos dois filhos e não lhes transmiti nada”. Eu não estava me sentindo muito bem comigo mesma.

Quando chegamos a Paray-le-Monial para participar da sessão, o Padre Tardif contou-nos como organizava os retiros para os casais que vivam juntos sem estarem casados e que no final destes retiros, decidiam separar-se para viver como irmãos ou caminhar para o matrimônio. Achei isto estranho. Depois, encontrei um amigo padre a quem eu disse: “se teu bom Deus existe, vai ser preciso que ele se manifeste a mim”. Mas, no final do encontro, eu chorei muito, quando me conscientizei de que Deus me amava tal como eu era, fazendo o que eu fazia, com minhas reticências em relação ao sacramento do matrimônio. Este foi o ponto de partida para uma caminhada juntos, que não foi simples. Então, comecei a ler o Evangelho.

João Paulo

Desde então, começamos a caminhar com a Comunidade Emanuel; nossos filhos foram batizados no dia seguinte do nosso casamento no religioso; um ano depois, nasceu o nosso terceiro filho e depois tivemos ainda mais dois.

Faz alguns anos que estamos engajados profissionalmente na AFC (Associação das Famílias Cristãs). Maria Paula é responsável pela formação de animadoras e dos responsáveis de oficinas de educação que são reuniões de grupo para as mães. Eu sou militante e vice-presidente da União Departamental das Associações Familiares de Essonne. Atualmente, é muito importante que os leigos estejam presentes em Associações Familiares Católicas e é desta maneira que queremos dar a nossa contribuição.

Após esta introdução, apresento-lhes algumas reflexões que podem ajudar-nos no acompanhamento das famílias.

DIFERENÇAS ENTRE “HOMEM E MULHER”

Reflitamos sobre as dificuldades dos jovens de hoje, homens e mulheres, que encontramos através dos amigos dos nossos filhos e o que isto nos ensina sobre esta questão da complementaridade.

Temos consciência de que quando acolhemos pessoas em dificuldades, não podemos dar-lhes conselhos. Devemos resistir a esta tentação, e isto também faz parte do nosso trabalho na formação das pessoas para o acolhimento, a escuta e aceitação de sua impotência. Penso que quando se é cristão, é muito mais fácil aceitar as impotências, as limitações, pois o único Salvador é Jesus. Tudo o que eu posso fazer é estar presente; se as pessoas vêm até mim, é para encontrar o Senhor e se confiar à Virgem Maria, e se elas encontram alguém de carne e osso, isso pode ser reconfortante, tranquilizador, porém, com frequência, estamos muito longe de compreender as causas e as consequências de situações muitas vezes complicadas e corremos o risco de dar conselhos que não são apropriados.

A experiência prova que se rapidamente damos conselhos é, sobretudo, para ficarmos em paz conosco e que isto não ajuda muito a pessoa que os escuta. Pelo contrário, escutar realmente, sem nada dizer, permite a pessoa refletir dentro de um contexto descontraído, tranquilo, positivo e encontrar um pouco de coragem para enfrentar o dia seguinte, “que não será como hoje” como dizia João XXIII, pois “a cada dia basta a o seu cuidado”

Monsenhor Tony Anatrella chama os jovens adultos, de “adolescentes” que têm dificuldades, entre outras, de se projetar no futuro, de se situarem como homens e mulheres e de unificar suas personalidades. Atualmente, podemos observar uma banalização da sexualidade e a dificuldade de se comprometer quer seja numa profissão, numa atividade, num serviço, numa militância, numa escolha de vida matrimonial ou de vida consagrada.

O termo complementaridade nem sempre convém, porque se no final da vida de um casal se puder constatar a que ponto eles souberam se completar, saberão dizer em que eles foram complementares. Talvez, ambos também tenham faltas comuns que fizeram com que ambos falhassem na complementaridade.

Como interagimos? De uma maneira cada vez mais pacífica, harmoniosa, fecunda, com momentos de variação de humor e de tensões.

O perigo é estar em uma complementaridade utilitária, não recíproca. O fruto do casal é a complementaridade, isto é, a perfeita conclusão da entrega mútua entre duas pessoas; não se trata de uma troca de competências (este é o vocabulário do recrutamento, eu recruta alguém que é capaz de... eu não sei fazer isto).

Não fazemos recrutamento, o que existe é o encontro entre duas pessoas que estarão em uma descoberta infinita, porque estarão num encantamento sem fim. O que podemos desejar aos jovens casais, é que possam compreender que o casamento não é o fim de um combate, sobretudo quando a preparação é complicada, mas o fim de uma etapa e início de uma outra que deve durar por toda a eternidade; tudo o que podemos desejar-lhes é que se encantem até o fim um pelo outro.

Necessariamente, não nos encantamos com as competências que o outro possa ter ou não, talvez, seja mais profundamente com as atitudes, as qualidades do coração, as realidades espirituais que estão no centro da personalidade que já são visíveis entre os 20 ou 25 anos e que esperamos que durem por toda a vida.

Maria Paula

Parece-me que na vida conjugal ao nos maravilharmos juntos, ao nos doarmos mutuamente, progredimos juntos e isto é motivo de encantamento; esta é a extraordinária evolução de cada um e da unidade conjugal. Devemos manter constantemente a dimensão pessoal e a realização da pessoa através do dom mútuo no casamento e ao mesmo tempo na realidade conjugal que forma o casal e que ajuda a evoluir, preparando para a vida eterna, assim espero.

João Paulo

Aqui está uma série de aspectos gerais que dão as chaves para uma leitura que deve ser traduzida e adaptada em função das pessoas, especialmente dos temperamentos. Os enquadramentos um pouco convencionais nos fazem rapidamente cair na caricatura, os homens e as mulheres são assim, por exemplo: as mulheres conversam muito e estão sempre atrasadas.

Existe um certo número de conceitos que na maioria dos casos não corresponde às pessoas, por exemplo: encontramos homens tranquilos e mulheres bem enérgicas; a força e a atividade não são próprias do homem, nem a mansidão e o sorriso não foram feitos somente para as mulheres, mesmo se numa visão um pouco estereotipada ou arquética, tivéssemos vontade de dizê-lo. Apesar de tudo, ela pode ser esclarecida e, quando se esclarece, se compreende melhor as diferenças. A

partir do fato de que as diferenças sexuais estão inerentemente mescladas na sociedade, não sabemos mais quem somos, nem com quem estamos e isso é um certo desafio para os jovens.

Aqui temos uma chave de leitura fundada na sabedoria ancestral que se baseia na diferença física da constituição biológica, anatômica, especialmente, entre o homem e a mulher, muito mais do que sobre a diferença da distribuição dos papéis na história.

Existe uma parte de mistério na diferença entre o homem e a mulher e esta diferença é muitas vezes difícil de expressar de maneira respeitosa e não caricaturada, levando em conta as diferenças entre as pessoas, pois os temperamentos, o caráter também são dados essenciais da diferença e estão presentes no casal; isto é extremamente difícil discernir. A diferença que se poderá ver ou escutar a respeito de um casal, não deve necessariamente ter ênfase na diferença entre os sexos, pois muitas vezes ela está nos temperamentos, no caráter, logo, em algo presente desde o nascimento, ou como consequência das diferenças de educação, de cultura, de meio social ou da história pessoal, das feridas recebidas, de acidentes sofridos na vida, etc... isto explicará bem mais que a diferença entre homem e mulher, as dificuldades que as pessoas enfrentam.

Tenho vontade de dizer: o “mistério do homem e da mulher”, já que o homem e a mulher são criados à imagem de Deus que é uno, o homem é um e possui ao mesmo tempo uma imagem de homem e uma imagem de mulher. Portanto existe de uma certa maneira muita unidade nesta diversidade e, distinguir as duas imagens não é fácil.

Quando falamos de homem e de mulher, começamos a lembrar que existe uma única natureza humana.

Vocês conhecem os símbolos da biologia tomados de empréstimo da mitologia, o escudo e a lança do deus Marte, que representa os homens, o deus da guerra e o charmoso espelho de Vênus, a beleza e a feminilidade, portanto que representa o sexo feminino.

Todas as pessoas têm um lado feminino e outro masculino. Atualmente, alguns autores falam também do lado feminino de Deus, porque, finalmente, se as mulheres foram criadas à imagem de Deus é porque deve haver um lado feminino em Deus. Na língua hebraica o Espírito Santo é feminino.

É verdade que em toda a história da humanidade a mulher se encontra em situação de fragilidade, sobretudo a partir do momento que ela carrega, alimenta e cria os filhos. Não estou dizendo que a mulher é sexo frágil; estou dizendo que existem momentos que estamos mais frágeis que outros e ela tem necessidade de ser protegida. Na história da humanidade, o homem também tinha necessidade de lutar para conseguir seu alimento; poderíamos dizer que, de uma certa maneira, o homem está mais voltado para a ação. O lado combatente do homem torna-se, muitas vezes, o seu lado privilegiado. Na política, dizemos com frequência que os homens lutam, enquanto as mulheres utilizam outros meios. Dizemos igualmente que as mulheres têm a sedução como meio de ação para chegar aos seus fins, mas também existem homens que sabem seduzir. Em geral, a mulher dará preferência ao sentimento, à relação, o homem estará mais na ação.

Os homens estão mais voltados para o fazer e as mulheres para o ser; os homens são mais voltados para o exterior e as mulheres para o interior. Nas relações, os homens são atraídos primeiro pela questão física e as mulheres são mais sensíveis à ternura ou às relações. Os homens estão mais racionais, enquanto as mulheres são mais intuitivas, porém não tiremos conclusões precipitadas.

Muitas vezes, os homens estão mais à vontade nas relações sociais e as mulheres preferem as relações interpessoais.

Maria Paula

Quando testemunhamos o que fazemos e como o fazemos, podemos ajudar as pessoas a refletirem sobre todos esses questionamentos existentes, por exemplo: há uma pequena sequência a introduzir com os celibatários que têm mais de 30 anos de idade e que desejam se casar, mas ainda não conseguiram realizar este projeto. Então refletimos com eles sobre as diferenças entre homens e mulheres, sobre a percepção que eles têm sobre estas representações, como eles vivem estas relações. Quando trabalhamos estas questões, formamos pequenos grupos, as mulheres de um lado e os homens do outro e a cada um perguntamos: “o que vocês, mulheres, esperam dos homens? Em que vocês pensam poder contribuir com eles? Homens, o que vocês esperam das mulheres? Em que vocês pensam poder contribuir com elas? Ao longo do debate, encontramos posições um pouco contraditórias, isto é, as mulheres esperam que os homens sejam fortes, empreendedores, etc., e ao mesmo tempo que eles as escutem com muita mansidão. Isto pode ser interessante para que cada um perceba que também pode estar nestas expectativas paradoxais, esperando do outro exatamente o seu contrário. Ora, ser sexuado, é aceitar não ser tudo. É aceitar não ser igual em tudo, ter falhas, ser dependente do outro para poder crescer graças a ele, por ele e com ele... Os celibatários, sobretudo as mulheres, percebem que desenvolveram várias capacidades e que isto dificulta o encontro com as pessoas do outro sexo.

Maria Paula

Hoje, as mulheres celibatárias são capazes de consertar o carro, de mudar de apartamento, etc.; estas mulheres perceberam que, se quiserem realmente encontrar alguém e caminhar para uma vida conjugal, devem renunciar ao poder de ser tudo.

Penso que os celibatários de hoje, sobretudo as mulheres, estão nesta problemática, nesta dificuldade e não é simples para elas serem realmente mulheres, no sentido que, ser mulher não é ser tudo. Talvez, existam problemas mais específicos para os homens celibatários.

João Paulo

O movimento atual das mulheres está mais voltado para as reivindicações de igualdade, nem sempre respeitada nas empresas (salários, etc...), que acentua um igualitarismo que finalmente priva os homens de uma especificidade, ao querer fazer como eles, e não se sabe mais quem faz o quê e todo mundo faz como todo mundo..

Outro aspecto mais sutil da reivindicação e, às vezes, mais perigoso, é as mulheres querem que os homens pensem como mulheres, que os homens tenham sentimentos como as mulheres e isto vemos muito bem na educação, onde muitas vezes as mães gostariam que os pais fossem como elas imaginaram: existem duas soluções: ou é o pai que distribui as palmadas no momento certo, ou ele deve fazer o que ela faz, pois ela é uma boa mãe.

A diferença entre homem e mulher nós a vemos no corpo. Por isso, a questão de roupas, de nudez, de sedução pelo corpo, não é uma questão qualquer; utilizar o corpo precocemente no momento em que a sensibilidade não está pronta para assumir as consequências tem um peso significativo. No entanto, existe algo que é absolutamente incontestável: uma mulher pode ser mãe por aci-

dente, mas, em todo caso, existe uma preparação, e ela sabe, mas o homem pode ser pai sem o saber. Esta é uma diferença essencial que faz com que a diferença entre homem e mulher não seja fácil de descrever; assim como a diferença entre pai e mãe é extremamente caracterizável.

Maria Paula

Mesmo se ela é caracterizável a diferença entre pai e mãe não é tão fácil de viver, por exemplo: os pais que formamos atualmente em colaboração com as oficinas de educação, no ano passado escolheram como tema de trabalho: “Pai e Mãe, como viver a educação como uma aventura de duas vozes”. Percebemos que mesmo nas boas famílias, esta coeducação não é assim tão simples; devido à reivindicação igualitarista que existe hoje, entre homem e mulher e que se encontra no âmbito familiar entre o pai e a mãe como uma relação de competição: já que eu sou mulher e mãe, eu trabalho como você, então é metade, metade. Temos aspectos de competição, mais temos também aspectos mais tradicionais que ainda perduram no momento das reivindicações ou das queixas das mães sobre pais que não estão muito presentes na educação das crianças e dão a impressão de refugiar-se no trabalho, chegando tarde da noite, quando as crianças já estão dormindo.

Os fundamentos para embasar esta diferença.

Xavier Lacroix escreveu: “Passer de vie, un ouvrage sur les pères” (comunicador de vida, uma obra sobre os pais). Ele propõe fundamentar esta diferença entre paternidade e maternidade, na relação que o pai e a mãe têm e mantêm naturalmente com o dom da vida. Deve-se saber que mesmo isto causa problema, pois a relação que cada um mantém com o dom da vida, é fazer jus à realidade do corpo, da natureza humana e sabemos muito bem que hoje, isto é um problema, pois o indivíduo atual gostaria de se construir sozinho a partir de si mesmo e a partir do nada, e tem dificuldade de aceitar construir-se e ser, a partir daquilo que lhe é dado.

Esta relação com o dom da vida marca diferentemente o pai e a mãe na relação com o filho. A mãe está de certa forma mais próxima da criança porque ela a gerou e a carregou em seu ventre e depois continuou a alimentá-la; a mãe mantém a criança neste contato corporal; enquanto, o pai brinca de jogar a criança no ar, que na verdade, já se trata de um movimento de propulsão no espaço. Logo, este posicionamento do pai, que vem do exterior, vai estar ainda mais distante. Depois, a criança que pensava ser o único objeto de amor de sua mãe, vai descobrir que existe um outro, que é importante para a sua mãe, que já estava ali, antes dele e que, às vezes, vai ser visto como um rival. Nesta posição de proximidade com a mãe, de ternura, de corpo a corpo, vamos encontrar o pai posicionado a uma certa distância, ou seja, na palavra.

A palavra da mãe e a palavra do pai não tem o mesmo peso. A palavra da mãe é a palavra maternal, que envolve e dá segurança. A criança já ouviu a palavra da mãe e do pai também desde o seio de sua mãe, porém, a palavra do pai era ouvida mais longe. Logo, quando a criança escuta a palavra do pai que, aliás, não tem a mesma sonoridade, pois, é mais distante, ela tem mais força, é a palavra que vem unir duas pessoas que estão numa distância relativa para que a palavra circule. A palavra da mãe é uma canção tranquila que dá segurança para a criança. A palavra do pai é a palavra que o nomeia, que o faz existir, que o interpela, o estimula, mas também lhe impõe limites, a primeira palavra sobre a qual ele vai poder contruir-se e que infelizmente, hoje, não é dita com frequência: “Não, meu filho! Você não é o único objeto de sua mãe! Não, você não veio a terra para satisfazer sua mãe”. Assim, a criança é convidada pelo pai a entrar em uma verdadeira relação triangular, mãe, pai, filho, que vai lhe permitir construir-se. Se ele permanece numa relação de duelo, permanece numa relação fusional, ele responde às expectativas da mãe e se conforma a ela. O pai, o chama a ser o que ele deve tornar-se, ou seja, um outro e, agindo assim o ajuda a construir seu futuro.

João Paulo

É interessante destacar que o importante é a palavra do pai e da mãe. Isto é mais compreensível se o pai tem um lado bastante enérgico, autoritário e a mãe tem um aspecto mais dócil. Porém, também é verdade, quando os pais têm temperamentos diferentes: o pai é dócil, tranquilo e a mãe é mais ativa, enérgica, organizadora. Mesmo se a mãe repreende seus filhos, sobre tal ou tal assunto, somente quando o pai aumenta a voz, esporadicamente, é que isto vai produzir frutos.

Maria Paula

É por isso que não se deve enquadrar o pai e a mãe numa maneira de ser ou numa tarefa a realizar. Não importa a divisão de tarefas, quando é uma mãe que troca as fraldas da criança, a criança sabe que é a sua mãe; quando chega a vez do pai, ela também o reconhece. Desde o início a criança sabe que existe uma diferença entre o pai e a mãe e ela se alimenta desta diferença, e se constrói a partir desta diferença.

João Paulo

Mas, existem casos onde os pais não vivem esta alteridade. Com exceção de alguns casos previstos pela Lei do parto anônimo, a maioria das pessoas conhecem sua mãe, mas nem todas conhecem bem as diferentes figuras paternas com as quais viveram.

Maria Paula

Não é porque o casal se separou ou se divorciou que eles deixam de ser o pai e a mãe da criança. Diante de pais separados ou divorciados é bom encorajá-los no amor que têm por seus filhos, estimulá-los em sua função de pai e de mãe, capazes de se consultarem mutuamente sobre a educação de seus filhos. Se estamos diante de um fracasso matrimonial, não se deve necessariamente viver também um fracasso parental, ainda que a vivência conjugal permaneça a melhor fonte para a parentalidade.

CASAL MORDEFROID

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Provincia Nuestra Señora de la Mision América - Sur

Nosso serviço junto aos imigrantes do Chile

“Era estrangeiro, e recebeste-Me na vossa casa”

Em 2010, o Instituto Nacional de Estatística estimou que ao norte do Chile, mais de 20.000 imigrantes viviam na região de Tarapaca (capital, Iquique), o que corresponde à 6,6% de toda a população da região. A partir de 2009 este percentual aumentou, por várias razões: esta região possui um porto marítimo, tem relações comerciais e econômicas com os países vizinhos: Peru, Bolívia e Argentina. Os polos atrativos são: a zona franca (beneficiando vantagens tais como a isenção de taxas fiscais), as minas de ouro, cobre, sal e a pesca. As ruas da capital e os escritórios das minas de sal são sempre frequentados por uma grande diversidade de nacionalidades.

Desde o século XIX, a região é cosmopolita, entre outros, composta por: chineses, ingleses, coreanos, cubanos, espanhóis e italianos. Segundo Mário Zolezzi, famoso historiador, Taparaca não pode fechar suas portas aos imigrantes, pois eles fazem parte de sua natureza. No entanto, com o passar dos anos e diante de vários problemas, o perfil dos imigrantes mudou.

Nestes últimos anos, a chegada dos imigrantes bolivianos, colombianos e peruanos aumentou consideravelmente. A maioria destes imigrantes vem do planalto boliviano e peruano. São camponeses sem muita instrução, com baixo nível de escolaridade e de preparação para o trabalho. Muitas mulheres chegam sozinhas ou com seus filhos, em busca de melhores condições de vida para si e suas famílias.

Um grande número destes imigrantes, depois de terem percorrido quilômetros a pé para chegar até a fronteira, enfrentam a severidade do posto de controle da fronteira, quase sempre caracterizada pelo abuso de poder, pela discriminação e a xenofobia, e não conseguem atingir o objetivo de entrar no Chile. Muitos entram clandestinamente correndo todos os perigos que isso pode causar, tais como: infração das leis chilenas, dificuldade para integração, normalização de seus papéis e busca de trabalho.

Todos os dias, escutamos e nos deparamos com esta realidade através da Pastoral dos Imigrantes. Nossa principal preocupação são as pessoas que entram no país clandestinamente, sobretudo, as mulheres e as crianças. Constatamos um grande crescimento de prisões, expulsões e deportações. As pessoas são rejeitadas e mandadas embora do país, ficando na fronteira totalmente desprovidas de tudo. Este ano, mais de 400 ordens de expulsão foram emitidas.

Diante desta realidade, a resposta da Pastoral dos Imigrantes é acolher e oferecer assistência necessária, tentando promover e integrar estes imigrantes na Igreja e na sociedade civil.

A Pastoral dos Imigrantes faz parte do ramo social das Pastorais da Diocese. Este serviço existe há 10 anos. Ele começou com dez leigos, em parceria com o Instituto Católico de Migração (INCAMI) que depende da Conferência episcopal chilena. Atualmente, a equipe é formada por cinco leigos, dois padres, uma religiosa franciscana e uma Filha da Caridade.

Esta equipe pastoral realiza os seguintes serviços:

- Acolhimento de segunda a sábado;
- Encaminhamentos administrativos para obtenção dos documentos legais;
- Bolsa trabalho;
- Restaurante solidário;
- Alojamento para mulheres;
- Ajuda na solicitação dos direitos através do estatuto dos refugiados;
- Visita aos imigrantes privados de liberdade e doentes no hospital.
- Acompanhamento espiritual e catequese de adultos, celebração Eucarística, celebração das festas patronais e nacionais.

Ao entrar na equipe conheci seus membros e a realidade migratória de Iquique. Diariamente, entre 30 a 60 pessoas chegam à Casa Pastoral. Nós acolhemos primeiro as mulheres em uma pequena sala de espera, os homens ficam esperando de pé, na rua. A maioria vem da Bolívia, do Peru e da Colômbia, buscando trabalho para sustentar sua família, que ficou em seu país de origem.

“Que a nossa paixão por Deus e pelos pobres seja visível. Ajudemo-nos a conservar a mobilidade, a audácia na disponibilidade que fazem superar o medo do desconhecido para enfrentar os caminhos onde tropeçam tantas pessoas abatidas e abandonadas; cuidemos de suas feridas com o óleo da doçura, o bálsamo da misericórdia. Permaneçamos com elas, dediquemos tempo para escutá-las, acolhê-las e acompanhá-las” (circular de 2 de fevereiro de 2010).

Nas conversas que temos, podemos perceber o sofrimento acumulado destas mulheres migrantes. Com pouca instrução, não falam bem o espanhol (as mulheres bolivianas falam sua língua nativa que é o Quíchua ou Aymará), encontram dificuldades para encontrar um trabalho, pois não têm os conhecimentos culinários do Chile, nem os mesmos costumes para ajudar na educação das crianças.

Quando encontro pela primeira vez, alguns empregadores (homens e mulheres) que vêm ao escritório da Pastoral dos Imigrantes para propor trabalho, tento mostrar-lhes a realidade destas mulheres para que eles possam ajudá-las facilitando alguns meios, ao menos no começo.

Realizo também o serviço de acolhimento durante toda a manhã. À tarde sou responsável pela administração da Casa de Acolhimento noturno, que oferece 16 leitos para ajudar as mulheres que não têm onde dormir. Eventualmente, substituo voluntários que são responsáveis pela bolsa trabalho.

No domingo, todas as mulheres que trabalham durante a semana, vêm a Casa para partilhar uma refeição, conversar, rezar e descansar. No último domingo de cada mês, participo da Eucaristia com a comunidade dos imigrantes.

As mulheres que solicitaram seus direitos através do estatuto dos refugiados, ficam angustiadas com a falta de resposta, pois, elas não podem sair do país, porque, se assim o fizerem, elas perdem todos os direitos e não podem mais entrar no país.

Partilho estas experiências com minha Comunidade local. Com minhas Irmãs, elaborei um projeto para responder de maneira mais concreta a tantas necessidades:

- Acolher todas as pessoas que vivem no escritório da Pastoral dos Imigrantes: atitude de escuta, de apoio nos encaminhamentos administrativos e na busca de trabalho.
- Acompanhar as mulheres mais vulneráveis: visitá-las no hospital, na prisão;
- Oferecer uma formação profissional: curso de relações humanas, cozinha, e educação.
- Fortificar a fé dos imigrantes através da partilha da Palavra de Deus, da preparação aos Sacramentos e da celebração Eucarística;
- Participar da Pastoral Diocesana dos Imigrantes: seguir a formação e a orientação pastoral.
- Proporcionar encontros de reflexão semanais com a equipe local para reler a vida à luz do Evangelho e deixar-se evangelizar por estes pobres.

EXPERIÊNCIA DE ACOMPANHAMENTO PERSONALIZADO

Em 2 de junho de 2010, Rosário, uma jovem de 22 anos, grávida de 8 meses, procurou a Casa de Acolhimento acompanhada de sua filha de três anos. Ela foi demitida do seu trabalho porque seu visto de permanência no Chile estava vencido. Todos os dias, ela fazia plantão na esquina da rua esperando ver o pai das crianças, a fim de pedir-lhe dinheiro para comer, mas sua espera era em vão. Ela foi acolhida na Casa, oferecemos um lanche para ela e sua filha. Algum tempo depois, ela caiu na rua, mas nada nos disse. No dia seguinte, ela nos disse que seu bebê não estava mexendo. Levada ao posto de saúde, ela foi atendida pela enfermeira. Efetivamente o bebê não estava dando sinal de vida. Então a enfermeira me disse para dar-lhe algo para comer e beber, pois ela es-

tava desidratada. Então, o bebê começou a se mexer.

Depois deste incidente, fizemos mais atenção em oferecer-lhe tudo o que era necessário para ajudá-la a se preparar para o parto. O bebê nasceu. Durante os três dias que ela passou no hospital, a sua filha de três anos ficou comigo. Não tendo dinheiro para pagar as despesas do hospital, seus documentos e os da criança ficaram retidos. Após conseguir arrecadar a quantia necessária, ela pagou o hospital, recuperou todos os documentos e se dirigiu para a prefeitura.

Mas, o bebê Dieguito foi registrado com “pai desconhecido” e, portanto, na certidão de nascimento a nacionalidade indicada foi a mesma da mãe, e não a do país onde realmente ele nasceu. Apesar desta situação desastrosa, mãe sem trabalho, duas crianças de pequeninas, abandonadas pelo pai, sem casa e ilegais, conseguimos obter um salvo-conduto do governo chileno para retornar ao seu país sem que lhe fossem impostas as sanções estabelecidas pela lei. Depois de várias tentativas em diferentes departamentos da prefeitura, do consulado, da polícia e do tribunal da família, Rosário recebeu sua permissão para sair legalmente do país e voltar para a sua família.

Conclusão

Neste serviço, encontro reunidas as condições para viver minha vocação de Filha da Caridade, segundo o que a Companhia pede atualmente, para ser fiel ao carisma dos nossos Fundadores:

- Responder aos novos apelos do mundo dos pobres, hoje;
- Trabalhar em colaboração com os leigos, sem posto de autoridade;
- Servir “indo e vindo”
- Partilhar as experiências de serviço em Comunidade;
- Ter um estilo de vida simples e próximo dos pobres;
- Estar à escuta da voz dos pobres e ajudá-los a serem atores de sua promoção;
- Colaborar com associações e organismos que lutam contra as causas da pobreza com a criação de redes de solidariedade;
- Trabalhar ecumenicamente, pois muitas mulheres são membros de outras Igrejas cristãs;
- Rezar pelos pobres e em seu nome.

Irmã Maria Isabel Ruiz
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Províncias de Chelmno, de Cracóvia e Eslováquia

Encontro das Filhas da Caridade em missão na Rússia e no Cazaquistão

Entre os dias 23 e 26 de maio de 2013, em Omsk a Irmã Žofia Danišćáková, Conselheira geral e as Visitadoras das Províncias de Cracóvia, de Chelmno e da Eslováquia reuniram as dezessete Irmãs das seis Comunidades presentes neste imenso território da Rússia e do Cazaquistão.

O tema do encontro foi: *“Dar um novo elã ao espírito missionário da Companhia para anunciar, pela palavra e pela vida, o amor do Pai manifestado em Jesus Cristo”* (Documento Interrassembleias 2009 -2015, pág. 15).

Durante a Celebração Eucarística de abertura imploramos a presença do Espírito Santo para que ele derramasse sobre nós suas luzes e seus dons. Após a missa, todas as participantes do encontro foram acolhidas pela Irmã Servente da Comunidade de Omsk. Irmã Žofia nos transmitiu as saudações da parte da Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, que nos garantiu sua oração e sua gratidão pelo serviço prestado aos pobres na Rússia e no Cazaquistão. Irmã Žofia lembrou-nos que nossa Companhia é missionária e que todas as Filhas da Caridade são filhas da Igreja. Como disse o Papa Francisco, a Igreja deve ser pobre, agir pelos pobres, ir às periferias, não somente geográficas, mas também da fé.

No dia seguinte, Irmã Žofia orientou sua apresentação em vista da preparação das Assembleias que se aproximam. Ela nos encorajou a viver em um clima de oração e de fé para que a reflexão, a escuta mútua e o discernimento permitam descobrir o que o Senhor espera da Companhia.

Depois, a Diretora da Cáritas de Omsk apresentou vários Projetos, entre os quais alguns que são realizados em colaboração com as Filhas da Caridade. Muitas formas de ajuda são oferecidas às pessoas carentes: posto de saúde, restaurante popular, banco alimentar, creche para crianças, centro de desenvolvimento das famílias, apoio educativo e aulas de reforço.

As Irmãs de cada Comunidade partilharam sobre suas respectivas missões.

- As Irmãs das **três Comunidades do Cazaquistão** apresentaram os serviços que realizam, especialmente junto às crianças e jovens: catequese, organização de colônia de férias, etc. Elas ajudam também as famílias em situação social muito difícil e dão acompanhamento espiritual às pessoas em seu leito de morte independente da religião ou nacionalidade. Este país, de maioria muçulmana, possui ainda inúmeras religiões ou seitas e tem 120 nacionalidades diferentes.

- **Na Rússia, em Niznij Tagil**, a Comunidade, composta por três Irmãs, tem como principal missão acompanhar os tuberculosos que devido à doença são excluídos da sociedade. As Irmãs mantêm contatos com eles, escutando-os e encorajando-os a enfrentar a sua situação de miséria, fornecendo alimentos, ajudando-os a obter a carteira de identidade e outros documentos necessários para encontrar um alojamento. Muitas vezes, as Irmãs enfrentam o fracasso, mas não desistem.

- Um Irmã da Comunidade de **Magadã** partilhou sua experiência de ajuda espiritual e psicológica oferecida às mulheres traumatizadas pelo aborto cometido. Ela propõe uma pequena sessão de três dias, orientando-as para a cura da síndrome pós-aborto que se manifesta pelo medo, pela culpa, pelo estado depressivo e a perda da autoestima.

Todas as Irmãs tiveram a possibilidade de expressar suas experiências, suas ideias ou inspirações. Partilharam também sobre métodos pedagógicos e jogos pastorais para crianças e jovens. Elas foram informadas sobre publicações em russo que podem eventualmente ajudá-las em seus serviços.

Depois, o Presidente da Conferência dos Superiores maiores, o Padre Nikolaj, Irmão Menor Conventual, fez uma conferência sobre: *“A influência das comunidades religiosas católicas na transmissão e no crescimento da fé na Rússia e nos países da ex-União soviética, através da história”*. O Padre percorreu a história dos monges e das comunidades religiosas na Rússia desde o século X até os dias atuais, cuja presença sempre foi marcada por inúmeras dificuldades e suas atividades estritamente limitadas aos estrangeiros – católicos - que lá moravam.

“Embora estes monges e religiosos tenham praticado a caridade gratuitamente em favor dos pobres nos orfanatos, escolas e hospitais, eles não podiam falar abertamente de Deus. No século XIX, membros intelectuais se converteram ao catolicismo. Naquele tempo, cresceu muito o número de comunidades religiosas femininas no país, ainda que realizassem suas missões clandestinamente.

Em 1917, após a revolução, a Igreja foi separada do Estado, as Congregações religiosas foram proibidas e seus membros perseguidos. Após a segunda Guerra mundial, eles foram obrigados a retornar para seus países de origem, ou realizar trabalhos forçados nos campos de concentração na Sibéria. Foi o tempo de uma grande migração, de uma fusão da população e consequentemente, os cristãos foram dispersados no país, privados das estruturas eclesiais e de padres. Oficialmente, existiam apenas seis paróquias para os estrangeiros.

Em 1991 uma nova organização da Igreja se tornou possível. Os bispos convidaram as comunidades religiosas com o objetivo de formar novas paróquias e de reencontrar os católicos que tinham guardado a fé, apesar da perseguição. Hoje é, sobretudo, o tempo da sementeira, a colheita será feita por outros. A situação permanece difícil, no entanto, conservamos uma grande esperança”.

A conferência do Padre Nikolaj foi seguida por uma discussão muito interessante que nos esclareceu sobre o futuro da Igreja.

À noite, durante um momento festivo, descobrimos a história de vida da Irmã Natalie Naryskin, Filha da Caridade, de origem russa, mas que entrou na Companhia, em Paris, no século XIX. Durante uma grave epidemia que atingiu a Rússia, ela pediu para partir e servir os doentes daquele país, mas o governo russo não lhe deu a autorização. Então, ela permaneceu na França e morreu em Paris, por causa de uma epidemia de cólera.

No dia da festa da Trindade terminamos este encontro, refletindo sobre o clima vivido nestes dias de unidade, de partilha, de alegria, do apoio mútuo e agradecendo o dom da vocação e da missão confiada.

Irmã Marta Baliaková
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Sessão de formação vicentina das Filhas da Caridade das Províncias da África e de Madagascar

Entre o dia 02 de junho e 30 de julho de 2013 aconteceu na Casa Mãe a Sessão de Formação Vicentina para 40 Irmãs das 8 Províncias da África e de Madagascar, composta pelos países: África Central, Camarões, Congo, Eritreia, Etiópia, Madagascar, Moçambique e Nigéria. A abertura aconteceu no dia 02 de junho com a Celebração Eucarística presidida pelo Padre Patrick, Diretor geral das Filhas da Caridade.

Após a missa, a Irmã Eveline Franc, nossa Superiora Geral, oficialmente declarou aberta a sessão de formação para as Irmãs das Províncias da África e Madagascar. Sua palavra de introdução nos interpelou: *“Este tempo de formação contínua é uma contribuição para todas aqui presentes em vista de uma maior configuração ao Cristo. Através dos estudos, visitas e partilhas, vocês terão*

a oportunidade de aprofundar o conhecimento da Companhia, desde as origens; conhecimento que deve produzir os frutos na vida de todas. Participar desta sessão é um apelo à conversão, a amar a Companhia, a melhor compreender a importância de sua unidade. Este tempo irá permitir-lhes viver um tempo de parada para escutar o Espírito, ele as conduzirá por vias inesperadas e lhes dará a oportunidade de reler diante do Senhor nossa maneira de servir os pobres”.

As duas primeiras semanas tiveram como objetivo o estudo e a descoberta da vida dos Fundadores, assim como a história da origem da Companhia. O Padre Renouard, Irmã Antoinette-Marie e Irmã Sullivan despertaram em nós o ardente desejo de nos alimentar dos escritos dos nossos Fundadores, oferecendo-nos um método dinâmico para a leitura e a compreensão das cartas e conferências: observar a data, o ano dos escritos, mas também a idade dos Fundadores, as circunstâncias nas quais eles se encontram, as situações correspondentes...

Estudar a história da Companhia e a vida das nossas primeiras Irmãs foi um convite para amar ainda mais a pequena Companhia e reconhecer a graça que o Senhor nos faz, de pertencer a uma Companhia que é apaixonada no serviço de Cristo nos pobres, as vezes até o martírio. Isto nos conduz a viver de uma maneira particular a comunhão com os Santos e com nossas Irmãs Mártires.

A Irmã Anne Prevóst com o seu amor pela Santíssima Virgem, que a caracteriza, nos permitiu uma maior aproximação dos mistérios da Imaculada Conceição, da Anunciação e da Visitação, Contemplamos as atitudes do Anjo e de Maria, durante a Anunciação; a de Isabel durante a Visitação. Nós agradecemos à Virgem Maria por suas “visitas” que manifestam sua proteção particular à Companhia, como ela mesmo expressou à Santa Catarina Labouré: “A Companhia, eu a amo”.

O Padre Quintano com muita convicção gravou em nossos corações a Identidade da Companhia: Sociedade de Vida Apostólica com votos simples, anuais, sempre renováveis e não religiosos, o que não diminui em nada o valor da entrega total.

Tivemos a graça de participar de algumas peregrinações seguindo os passos dos nossos Fundadores e das nossas primeiras Irmãs. Foi emocionante estar em Châtillon-sur-Chalaronne, lugar da conversão do Padre Vicente; lugar onde o Senhor o esperava para mudar a sua vida. Para todas nós foi uma ocasião de pedir a graça de uma conversão contínua e de uma reorientação para a nossa vida através de uma nova chama do carisma.

Com as Constituições, contemplamos a beleza do nosso carisma o que aumentou em nós a alegria de pertencer a pequena Companhia.

Ser Filha da Caridade, hoje, na África é um compromisso contínuo para enfrentar os desafios provenientes das múltiplas feridas causadas em nosso povo através das injustiças e violências. O desafio da comunhão fraterna e de uma vida equilibrada nos parece primordial para o contexto no qual vivemos atualmente. Se tivermos sempre diante dos nossos olhos o Cristo, que é a Regra de Vida e nos apoiarmos em Maria, nossa única Mãe, poderemos nos tornar uma bênção para nossas Comunidades e para a África, nesta caminhada de reconciliação.

Antes de concluir, gostaríamos de mencionar o testemunho de São Justino de Jacobis que muito nos marcou. Este filho de São Vicente realmente nos interpelou através da sua fé e do seu profundo amor, de sua ação missionária e do seu desejo de criar comunhão no respeito às culturas.

Nossa infinita gratidão à Companhia, à Mère Evelyne por ter nos dado este alimento, nos ter despertado e estimulado através de tudo o que recebemos na Casa Mãe. Um muitíssimo obrigado a Irmã Neghesti, nossa Conselheira geral, a toda a sua equipe e as Irmãs da Casa que nos acolheram

muito bem. Agora, resta-nos fazer uma síntese de tudo o que vivemos, para transmitir a nossas Irmãs e viver do fogo do amor de Deus.

Irmã Jacqueline
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Eslováquia

História de uma vida!

Neste testemunho, podemos admirar a fidelidade de Deus e a desta Irmã em uma situação particularmente perigosa.

Em 1950, eu era estudante na escola de enfermagem e após ter feito um estágio durante as férias na Eslováquia, tive a oportunidade de encontrar o Diretor Provincial das Filhas da Caridade, que vivia na clandestinidade à R. (foi após “a noite da barbaridade” mas as Irmãs ainda trabalhavam no hospital). Perguntei-lhe: “Padre, o que acontecerá conosco, as pré-postulantes?” Ele me respondeu: “Não tenham medo, mesmo estando nas catacumbas, vocês serão Irmãs!”

Em 1952, quando eu terminei meus estudos de enfermagem em T., éramos cinco pré-postulantes. A Irmã Servente estava presa, e a Irmã Eleonora assumiu a responsabilidade da casa. Naquela época, a diretora do Seminário veio à Comunidade, pois a Casa Provincial já tinha sido suprimida. Ainda que o Padre H. tivesse que ficar escondido, ele mantinha contacto conosco em segredo. Diante destas condições e após ter refletido, ele decidiu que a formação, ainda assim, deveria começar na clandestinidade. Tempos depois, a formação aconteceu também em outros hospitais, onde havia pré-postulantes. A primeira entrada clandestina na Companhia aconteceu no dia 7 de novembro de 1952. Naquela época, era a festa do bem-aventurado João Gabriel Perboyre, mas, para o regime comunista, era o dia da vitória da Revolução Russa. As Irmãs trabalharam nos hospitais até o ano de 1956.

Em novembro de 1955, a Visitadora foi libertada da prisão e após ter passado um certo tempo no hospital, foi instalada na cidade em B. onde as Irmãs serviam as pessoas idosas numa Instituição de Longa Permanência. No momento em que a Irmã deixava a prisão, o chefe deste estabelecimento, perguntou-lhe: “Então, o que a senhora vai fazer se uma jovem se apresentar para entrar na sua congregação, a senhora vai acolhê-la?” Ela prontamente respondeu: “Sim, pois é Deus quem dá a vocação e eu tenho a obrigação de aceitá-la”.

Em 1957, pedimos os votos. A Irmã C. enviou a carta com as informações necessárias para à Superiora geral, através de uma pessoa de confiança.

Pronunciamos nossos votos em Brno. O estado de saúde da Visitadora melhorou a tal ponto que ela se sentiu em condições de tocar o órgão durante a missa na Capela das Irmãs. Cada uma de nós recebeu dela uma pequena estampa das “cinco virgens prudentes” onde no verso ela escreveu: “*Não quero que um só grão do meu amor pertença às criaturas. Desejo dá-lo inteiramente a Jesus, pois, ele meu ensinou a compreender que é Ele a felicidade absoluta. Tudo será para Ele, tudo! Se nada tenho, dou-lhe este nada*”, Santa Tereziinha de Jesus. Esta Irmã teve que fazer toda sua correspondência no leito

Os anos seguintes a serviço do Senhor e dos pobres foram vividos e compartilhados com o povo de Deus do nosso país, daquela época. Recebíamos o apoio das nossas companheiras através das orações e sacrifícios. Algumas Irmãs já estavam presas, quando, durante uma investigação e inspeção domiciliar, a polícia encontrou as circulares de nossos Superiores gerais e por causa disto também fomos acusadas de motim. O diretor do hospital recebeu a ordem para nos despedir. Mesmo sendo a primeira da lista, eu não fui despedida. Em 1958, após a descoberta do esconderijo do Diretor Provincial, pelos Comunistas, muitas Irmãs tiveram que mudar de emprego ou trabalhar em algo diferente. Nossa maior preocupação era saber se teríamos a

possibilidade de participar da missa. Mantínhamos contato com as Irmãs que estavam dispersas através de visitas mútuas e, assim que foi possível, graças ao “degelo político” nos esforçamos em formar, pelo menos, pequenas Comunidades (ainda que fossem compostas somente por duas Irmãs) e tivemos que procurar empregos que correspondessem ao nosso carisma.

No dia 27 de novembro de 1963, a Polícia deu a ordem para despedir três Irmãs, em 24 horas. Eu era uma dentre elas. O pai de uma destas Irmãs era aposentado e entrou na justiça do trabalho, alegando que com a filha desempregada ele teria que voltar a trabalhar. Finalmente, as Irmãs conservaram o emprego, mas tiveram que mudar de função. A Polícia declarou que eu não deveria mais trabalhar na área de saúde. No entanto, eu continuei a trabalhar em T, e após dois meses, eu encontrei um novo lugar para trabalhar como enfermeira.

Depois de muitos anos foi que eu soube a razão de não ter sido demitida nem em 1958 (com a primeira ordem do Partido Comunista), nem no segundo período da devastação, de tal forma que não interrompi o contrato de trabalho, nem mesmo um dia e, por quê? Porque Deus é fiel (Is 49, 15) “*Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta ? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca!*”. Deus tinha pensado. O prefeito da minha cidade natal, ficou sabendo da minha situação e escreveu uma carta para a direção do hospital explicando que quando eu tinha sete anos, eu perdi minha mãe e fui morar no orfanato administrado pelas Irmãs em Z. Por este motivo, ele estava surpreso que a razão da minha demissão fosse a minha religião. Naquele tempo eu ainda não sabia que nas minhas referências pessoais, estava escrito: “a referida é chefe do grupo de jovens escondidas”. Estas referências eram secretas, portanto, somente em 1968 foi que eu tive a possibilidade de ver meu nome escrito no livro de registro administrativo. Evidentemente, o prefeito não poderia estar ciente disto.

Em 1968, aproveitei da liberdade trazida por Alexander Dubček para escolher entre duas possibilidades: usar o hábito ou permanecer como leiga na clandestinidade. Em gratidão para com as Irmãs que muito sofreram nas prisões, mas também, por aquelas que, de uma maneira heroica testemunharam pessoal e comunitariamente sua fé e sua vocação, fiz a opção de usar o hábito.

Desde a minha infância, na estrada da minha vida, conheci muitas estações. Estou na “a filha da Província”. Quando eu tinha sete anos uma Irmã me perguntou: “Maria, o que você quer ser quando crescer?” Eu lhe respondi: “Não sei, talvez uma gentil Irmã!”. Que graça! O Bom Deus me pegou pela palavra.

Minha comunidade atual é a minha décima sétima estação e penso que também será a última. Na verdade, eu não cheguei nesta casa para servir, mas para aceitar ser servida. Ainda posso caminhar graças à ajuda de uma bengala e dos medicamentos, mas estou aguardando ser operada do quadril.

Em minhas lembranças e olhando meu passado, tenho muitas provas da fidelidade de Deus. A Palavra de Deus é viva e eficaz. Hoje, posso cantar todos os dias o meu Magnificat em louvor e ação de graças pelos dons e bênçãos recebidas. Com humilde confiança, posso ver a mão de Deus, que retoma para si, gradativamente, o que Ele me deu durante a minha vida inteira: quero guardar a atitude do salmista do salmo 23: “*O Senhor é meu Pastor*”.

Irmã Prudência
Filha da Caridade

FONTES E ATUALIDADES

A experiência espiritual de São Vicente

continuação do Eco nº 05

IV - 1617: O ANO-LUZ

Durante o período precedente, vimos um Vicente de Paulo hesitante, cada vez mais desprotegido, vazio de tudo o que tinha adquirido ao longo de sua segunda etapa. Em setembro de 1655 quando fala aos Missionários, ele recordou: “... *crede, meus irmãos, é uma máxima infalível de Jesus Cristo que muitas vezes anunciei de sua parte, quanto mais um coração é vazio de si mesmo, mais Deus o preenche; é Deus que permanece e age lá dentro, é o desejo de fusão que nos esvazia de nós mesmos, é a humildade, a santa humildade, então não seremos nós que agiremos, mas Deus em nós e tudo irá bem!* (Coste XI, 312).

Faz pouco tempo que Vicente viveu isto em profundidade, ele está maravilhosamente preparado e disposto a acolher a ação de Deus, depois tudo irá bem! Para ajudar a Senhora de Gondí a decentralizar-se de si mesma, Vicente lhe sugere visitar suas inúmeras aldeias, e muitas vezes, ele a acompanha. Em uma dessas aldeias havia um idoso que estava entre a vida e a morte. Vicente é chamado e o recebe em confissão, era 25 de janeiro de 1617. O idoso em paz consigo e com Deus, clama de alegria, pois, sem esta confissão, ele se julgaria condenado. Nada melhor do que escutar o relato de Vicente:

“Isto aconteceu no mês de janeiro de 1617. Na festa da Conversão de São Paulo, dia 25 do mesmo mês, esta senhora pediu-me que fizesse uma homilia na Igreja de Folleville, a fim de exortar os habitantes à confissão geral, o que fiz. Mostrei-lhes a importância e a utilidade da confissão e depois lhes ensinei como fazê-la bem; Deus levou em consideração a confiança e a boa-fé desta senhora, antes que o grande número e a enormidade de meus pecados pudessem impedir o fruto deste apostolado e o abençoou de modo especial. Toda essa boa gente ficou tão voltada para Deus, que veio fazer sua confissão geral. Continuei instruindo-os e dispondo-os a receber os sacramentos e comeci a ouvi-los em confissão. O desejo, porém, de confessar-se em seguida foi tão grande que, não podendo atendê-los, juntamente com um padre que me ajudava, a Senhora de Gondí mandou pedir aos Reverendos Padres Jesuítas de Amiens que viessem em nosso socorro. Ela escreveu ao reverendo Padre reitor que veio pessoalmente. Como não pôde ficar senão pouco tempo, mandou, para trabalhar em seu lugar, o reverendo Padre Fourché, da mesma Companhia, que nos ajudou a confessar, pregar e catequizar e encontrou, por misericórdia de Deus, algo com que se ocupar.

Fomos depois a outros povoados daquela região que pertenciam à Senhora e fizemos como no primeiro. Houve grande afluxo de gente e Deus deu a sua bênção por toda parte. Eis a primeira pregação da Missão e o bom resultado que Deus deu no dia da conversão de São Paulo; por certo Deus não o fez nesse dia, sem um desígnio preestabelecido” (Coste XI, 4-5).

Este acontecimento de Folleville foi providencial e sua consequência foi surpreendente. Foi a Senhora de GONDÍ, a escrupulosa, que ampliou o evento e interpelou Vicente de Paulo: *Oh! Padre, o que é isso?... O que acabamos de ouvir? Provavelmente, isto acontece com a maioria dessas pobres pessoas. Ah! Se este homem, que era tido como um homem de bem, estava em tal estado de condenação, o que será dos outros que vivem em estado pior? Ah! Padre Vicente quantas almas estão se perdendo! Que remédio para isto?”* (Coste XI, 4). Sabemos de acordo com o relato de Vicente, que foi a Senhora de Gondí que impulsionou Vicente para o púlpito: “... *Esta senhora pediu-me que fizesse uma homilia...*”. A sequência do relato enfatiza normalmente, o papel da Senhora de Gondí: “... *Deus levou em consideração a confiança e a boa-fé desta senhora... a Senhora de Gondí mandou pedir aos Reverendos Padres Jesuítas ... Fomos depois a outros povoados que pertenciam à Senhora...*”. Vicente concluiu: “*Eis a primeira pregação da Missão...*”.

Se estes fatos, no itinerário espiritual de Vicente de Paulo, não representam o passo decisivo, eles constituíram, no entanto, um passo muito importante. Doravante Vicente não será mais exatamente o mesmo, como era antes de 25 de janeiro de 1617.

Muitas observações devem ser feitas. Ao ler o texto com atenção e tudo o que está em paralelo, fazendo uma comparação com os relatos do futuro acontecimento de Châtillon, temos a clara impressão que este foi apenas o primeiro passo.

O papel principal parecer ter sido assumido pela Senhora de Gondi. Foi ela que reagiu, que orientou, que remediou, que pediu a pregação e propôs o tema; foi ela que decidiu continuar a pregação e as confissões nas outras aldeias.

Vicente, por sua vez, parecia surpreso e quase tímido diante do acontecimento. Certamente, ele não tinha nenhuma ideia das repercussões a curto ou a longo prazo desta confissão. É assim que, com frequência, acontece o milagroso mistério de uma conversão e, não foi por engano que em diversas ocasiões ele evocou a Senhora de Gondi, como fundadora da Missão.

Foi no domínio espiritual que Vicente de Paulo encontrou a miséria e o abandono dos pobres do campo. Este é um ponto essencial para quem quer caminhar com São Vicente.

O idoso entre a vida e a morte corria o risco da condenação, e por qual razão? Falta de padres! Ora esta experiência aconteceu num período que Vicente está hesitante e se questiona sobre o que ele vai fazer de sua vida. Ele tem dezessete anos de sacerdócio e não passou mais do que um ano “no meio do povo”. *Os pobres se condenam.*

Sem dúvida está reflexão vai atormentar o pensamento de Vicente de Paulo ao longo do ano de 1617: pois até então ele só tinha vivido na Corte ou na casa de uma importante família, esperando tirar proveito para uma feliz aposentadoria, enquanto os pobres estão abandonados e se perdem espiritualmente. Muitas vezes, encontraremos o eco desta agonia que lhe torturou em 1617, e que foi certamente uma das causas de sua fuga para Châtillon-les-Dombes.

No contrato da fundação da Congregação da missão, está escrito: “*Tendo sido do agrado de vossa Divina Bondade, por sua infinita misericórdia, prover as necessidades espirituais dos habitantes das cidades deste reino, pela quantidade de doutores e religiosos que lhes pregam e lhes catequisam, exortando-os e conservando-os em espírito de devoção, fica apenas a pobre gente do campo que permanece como abandonada*” (Coste XIII, 197-198).

Ao Papa Urbano VIII, ele escreveu em 1º de agosto de 1628: “... *os habitantes da cidade estavam suficientemente providos de todo socorro espiritual por distintos doutores e religiosos de vida santa nelas estabelecidos, enquanto os pobres dos campos, privados dos mesmos socorros, tão abundantes nas cidades, permanecem na ignorância e na pobreza, ignorando, até à sua velhice, os mistérios da fé necessários à salvação, e morrem com frequência nos pecados de sua juventude, por vergonha de revelá-los aos párocos ou aos vigários que lhes são conhecidos e familiares...*”(SV I, pág. 64).

Em 1631, ele escreveu a Francisco du Coudray, Padre da Congregação da Missão em Roma: “*Deveis mostrar que o pobre povo se condena, por não saber as coisas necessárias à salvação e não se confessarem. Mostrai que, se Sua Santidade tivesse conhecimento para remediar isso*”(SV I, pág. 128)

Aqui está o eco da angústia que comprime o coração de Vicente em 1617, e a revisão de vida a qual ele se submete, diante deste abandono espiritual dos pobres.

Parece que Vicente ficou muito mais perturbado com a resposta massiva dos aldeões à sua pregação, do que com a confissão do pobre idoso. A pedido da Senhora de Gondí, ele prega na quarta-feira, 25 de janeiro de 1617 e “*Deus (...) abençoou de modo especial; o desejo foi tão grande de se confessar...*” (Coste XI, 4). Os pobres estavam abandonados, mas quando um padre se coloca à sua disposição, eles chegam em massa. Esta extraordinária resposta realçou o acontecimento e a ideia fixa de Vicente: não somente os pobres estão abandonados, mas eles esperam, clamam e imploram. O sucesso do “primeiro sermão da Missão” se torna assim um elemento importante da reflexão de Vicente de Paulo: não somente desvendou a evidência de uma necessidade e de um apelo, mas foi também a prova da eficácia de uma resposta.

Durante seis meses, de janeiro a julho, repetindo assim nos “*outros povoados daquela região que pertenciam à Senhora*”, a experiência fez seu caminho... e a angústia vem em seguida. Vicente não pode mais continuar a viver como antes; não pode mais vislumbrar somente a sua honesta aposentadoria: ele deve doar-se totalmente aos pobres. Talvez, seja a lembrança do período feliz e bem-sucedido de Clichy que o orienta inconscientemente para a experiência de Châtillon.

Vicente recorreu novamente ao Padre Bérulle para encontrar um posto que lhe fosse conveniente. A paróquia de Châtillon-les-Dombes estava à disposição. Então, no dia 1º de agosto, Vicente se instala nesta paróquia. De maneira totalmente inesperada, vinte dias mais tarde, a segunda parte da experiência espiritual de Vicente de Paulo foi colocada em prática e que o levou a realizar o passo decisivo.

Vicente conta com detalhes o que aconteceu no **dia 20 de agosto de 1617**: “*...estando perto de Lyon, numa pequena cidade onde a Providência me tinha chamado para ser pároco, ao paramentar-me, num domingo para celebrar a santa missa, vieram-me dizer que numa casa afastada das outras, a um quarto de légua dali, todos estavam doentes, sem que ficasse uma única pessoa para tratar das outras, e todos numa necessidade que se não podia imaginar. Isto comoveu-me sensivelmente o coração. Não me esqueci de recomendá-las com interesse durante a prática, e Deus tocou o coração das que me escutavam, e fez com que ficassem todas cheias de compaixão por esses pobres aflitos.*”

De tarde, reuniram-se em casa duma boa jovem da cidade para ver que auxílio lhe podiam prestar e cada um se achou disposto a ir vê-las, para as consolar com as suas palavras e auxiliá-las conforme as suas posses. Depois das vésperas, chamei um burguês daquela cidade, homem de bem, e pusemo-nos a caminho, em companhia um do outro, até a tal casa. Pelo caminho encontramos senhoras que nos precediam e um pouco mais adiante, outras que regressavam. Como era verão, e durante os grandes calores, aquelas boas senhoras sentavam-se pelos caminhos, para descansar e se refrescar. Enfim... eram tantas, que parecia uma procissão. Quando cheguei visitei os doentes e fui buscar o Santíssimo Sacramento para os que tinham mais urgência não à paróquia do lugar, porque aquilo não era uma paróquia, mas dependia dum capítulo do qual eu era o prior. Portanto depois de os ter confessado e lhes ter dado a sagrada comunhão, procurei ver como se poderia remediar as suas necessidades. Propus a toda essa boa gente a quem a caridade tinha animado a ir até lá, que se revezassem de maneira a fazer uma cada dia a sopa, não só para aqueles, mas para os que viessem depois e foi aquele o primeiro lugar onde se fundou a Caridade” (Conf. de 13 de fevereiro de 1646, pág. 164 e 165).

Para compreender todo o sentido desta segunda etapa de 1617, ou mais exatamente esta segunda parte da experiência decisiva de 1617, devemos ler o relato fazendo um paralelo com o evento de Folleville. Se Folleville foi a revelação da pobreza espiritual, Châtillon-les-Dombes foi a revelação da pobreza material. Primeiro, Vicente de Paulo percebeu o abandono espiritual dos pobres;

sua percepção foi evidenciada, organizada e aumentada pela Senhora de Gondi que também sugeriu a solução, isto é, o sermão sobre a confissão geral e do qual nasceu a Missão.

Seis meses se passaram como se o Senhor quisesse progressivamente revelar a totalidade do mistério do Pobre. Então, é o abandono e a privação material que impressionam Vicente: “*numa necessidade que se não podia imaginar*”.

Este importante aspecto vai conduzir Vicente a uma síntese espiritual e pastoral que lhe será próprio e específico e que, em seguida, será expressado por dois advérbios: “espiritualmente e corporalmente”.

Esta síntese se realiza quase espontaneamente. Na ocasião, Vicente está totalmente pronto e age imediatamente, dado que no dia 23 de agosto, ele escreveu no primeiro regulamento da Confraria de Châtillon:

“*para tal se propõem dois fins, a saber: socorrer o corpo e a alma; o corpo alimentando-o e dando-lhe remédios, e a alma, dispendo a bem morrer os que se aproximam da morte e a bem viver, quem se cura*” (Documentos 1, pág. 01).

Esta síntese instantânea é a prova que Vicente viveu o acontecimento de 20 de agosto de maneira complementar e em paralelo com o de 25 de janeiro.

A resposta massiva ao chamado de Vicente em sua pregação também foi determinante. Mais uma vez, ele faz a experiência de seu carisma mobilizador e deste fogo que abrasava o coração dessas pobres pessoas: “*Teriam sido os homens que puseram o fogo no coração de tantas pessoas que em multidão o foram socorrer?*” (Conf. de 13 de fevereiro de 1646, pág. 165).

Desde 1610, Vicente demonstrava uma hesitação e angústia. Após uma ascensão espetacular, parecia que passava de tentativas a tentativas e de fracassos a fracassos. De repente, ele conheceu o sucesso sob a forma de suas duas conquistas referentes aos pobres. Estes pobres estavam abandonados espiritual e corporalmente, mas existia bastante brasa no coração das pessoas para remediar esta situação; Vicente provou que era capaz de tirar proveito deste fogo.

Assim o itinerário espiritual de Vicente de Paulo entra na fase decisiva e, definitivamente, o situa na Igreja e em relação aos pobres. Após uma longa noite, vem a luz. Agora, Vicente sabe qual é sua vocação.

Certamente que, entre janeiro e agosto de 1617, Vicente realizou todo um trabalho de profunda e fecunda reflexão, sustentado pela graça. Na verdade, seu comportamento diante do acontecimento em Châtillon é totalmente outro. Em Folleville foi a Senhora de Gondi que reagiu, sugeriu e organizou; Vicente seguiu apenas as orientações. Em Châtillon, ele é quem anuncia aos paroquianos o triste estado da pobre família; foi ele que provocou a reunião das damas, que colocou em prática a primeira Caridade e que elaborou seu regulamento.

Enquanto em 1610, Vicente parecia muito mais passivo, entre janeiro e agosto de 1617, ele finalmente assumiu sua vida e sua missão: então, a luz brilhou.

Ele deixa Châtillon por volta de 20 de dezembro, sob a pressão da família de Gondi e do Padre de Bérulle. No dia 23 ele já está na capital para retornar à casa dos Gondi. Pedirá sua demissão da paróquia de Châtillon em 31 de janeiro de 1618, quando Louis Girard, seu vigário vai substi-

tuí-lo. Porém, nunca mais ele será o Vicente dos anos da escuridão: de agora em diante, na certeza alegre da luz, ele vai entregar-se aos pobres. Preceptor pouco ambicioso em janeiro de 1617, vai se tornar no fim do ano um verdadeiro padre e missionário.

Os próximos oito anos serão consagrados quase unicamente às missões e às Confrarias, até o dia em que vai libertar-se definitivamente dos Gondi, por ocasião do contrato de fundação da Congregação da Missão. Na realidade, os termos deste contrato poderiam segurar Vicente a serviço da família: *“o referido senhor e dama compreendem que o supracitado senhor Paulo deve continuar a habitar em sua atual residência para continuar o serviço de assistência espiritual que vem dando a eles e a sua dita família, há muitos anos”*(Coste XIII, 199).

Ao morrer no dia 23 de junho de 1625, a Senhora de Gondi deixou em testamento uma grande quantia de dinheiro para Vicente, e estipulava: *“por amor de Nosso Senhor e de sua Santa Mãe, o Padre de Paulo não deixará jamais nossa casa, mesmo após a morte do senhor de Gondi”*. Mas, o apelo da Missão será muito mais forte e no final do ano de 1625, com o consentimento expresso do senhor de Gondi, Vicente vai morar no Bons-Enfants com a comunidade que estava nascendo. A missão torna-se, portanto, autônoma e Vicente poderá consagra-se a ela inteiramente.

Poderíamos tentar seguir o itinerário espiritual de Vicente de Paulo até o ano de 1660, mas se houve ainda evolução e progresso, após o ano de 1617, foram na exata continuação do acontecimento de 1617.

V - 1618-1660: A LINHA RETA

Temos a nítida impressão que em agosto de 1617, o essencial foi realizado e que tudo o que vem em seguida assume o seu lugar na lógica e na dinâmica de 1617. De Gannes-Folleville nasceram a Missão e a Congregação da Missão. De Châtillon nasceram as Confrarias, as Damas e as Filhas da Caridade. Do “corporalmente e espiritualmente” nasceram todos os tipos de ajuda e de auxílio, a obra das Crianças abandonadas, os hospitais etc.; nasceram também as Conferências de terça-feira, o Conselho de consciência, os Seminários, para que todas as pobreza fossem socorridas: *“não só para aqueles, mas para os que viessem depois”* (Conf. de 13 de fevereiro de 1646, pág. 164).

Realmente, o ano de 1617 foi o ano-luz, o ano da iluminação que elucidou Vicente de Paulo até 1660 e que deve continuar a iluminar para sempre, todos aqueles que desejam seguir o caminho iniciado por São Vicente.

Resta ainda um ponto que utilizarei como conclusão ou síntese. Toda vez que Vicente lembrou os acontecimentos de Folleville ou de Châtillon, ele lembrou que estes foram realmente sinais de Deus: *“Ah! Senhores Padres e irmãos meus! Ninguém jamais pensou nisto antes, não se sabia o que eram as missões; tampouco pensávamos e sabíamos o que isto significava, e nisto é que se reconhece que esta é uma obra de Deus; pois, lá onde não há parte alguma dos homens, Deus o faz e isto vem diretamente d’Ele; logo, Ele se serve dos homens para a execução de sua obra...”* (Coste XI, 169).

“Pode na verdade dizer-se que foi Deus que fez a vossa Companhia. Ainda hoje pensei nisso e perguntava a mim mesmo: ‘Foste tu que pensaste em formar uma Companhia de jovens? Oh! Não. Foi então a senhora Le Gras? Tampouco’. Posso na verdade dizer-vos que nunca pensei nisso. Quem teria a ideia de formar, na Igreja de Deus, uma Companhia de senhoras e jovens da Caridade, com hábito? Parecer-vos-ia impossível. Teria na verdade pensado nas das paróquias. Ain-

da vos posso dizer que era Deus e não eu” (Conf. de 22 de janeiro de 1645, pág. 141). Para sustentar sua primeira afirmação Vicente relata o fato de Gannes-Folleville e para ilustrar a segunda, ele relata o acontecimento de Châtillon.

Não tinha sentido fazer estas afirmações sob o aspecto da humildade. Devemos aprofundá-las ainda mais: trata-se realmente de uma atitude de fé, a certeza da intervenção de Deus em nossas vidas. Para Vicente, nada melhor poderia servir como um sólido ponto de apoio para sua fé do que a experiência de 1617.

Não foi Bérulle que lhe trouxe a luz; não foi a leitura de Bento de Canfield, nem a leitura da “Imitação de Jesus Cristo”; não foram nem os doutores, nem os livros, mas foram dois eventos desejados por Deus, duas experiências, dois encontros com os pobres. Deus revelou sua vontade a Vicente de Paulo, nos pobres e através deles. Os pobres foram o caminho pelo qual Deus escolheu para encontrar Vicente, seu itinerário espiritual ficou marcado até o fim de sua vida.

A identificação de Jesus Cristo com os pobres, não é um simples resultado da leitura da passagem evangélica de Mateus 25, 31, que figura no texto do regulamento de Châtillon. Esta identificação foi para Vicente o resultado de uma experiência pessoal e determinante: Deus falou-lhe através da boca e da vida dos pobres.

Aqui estamos no centro da experiência espiritual de Vicente de Paulo: *“Jesus Cristo está na pessoa dos pobres e isto é tão verdade como estarmos aqui”*... *“Servindo os pobres, serve-se a Jesus Cristo... Como isto é verdade, minhas Filhas, servis a Jesus Cristo na pessoa dos pobres. Isto é tão verdade como estarmos aqui”* (Conf. de 13 de fevereiro de 1646, pág. 170).

Esta última afirmação, muitas vezes, não é compreendida em sua totalidade. Enraizando-se na experiência espiritual e mística de 1617, ela é uma das mais fortes afirmações feita por Vicente. Lembrando todo o passado, a busca angustiante de um sentido para sua vida, a noite... Vicente, finalmente, teve a evidência (*“isto é tão verdade como estarmos aqui”*) que Jesus Cristo se manifestou a ele através dos pobres de Gannes-Folleville e dos pobres de Châtillon.

Sua espiritualidade foi uma espiritualidade do acontecimento, colhendo sua inspiração e seu vigor nos sinais dos tempos, foi assim que ela pôde ser uma constante mola propulsora em sua vida espiritual e missionária, em sua prudência na expectativa dos sinais de Deus, em sua submissão à Vontade de Deus, no seu sentido de Providência etc. Deus fala através dos acontecimentos e Vicente fez esta experiência. Para ele, Deus falou através e no encontro do Pobre. Tal foi sua fé... tal foi sua experiência... Não seria este um convite para repetirmos esta experiência?

Padre Jean Morin, cm